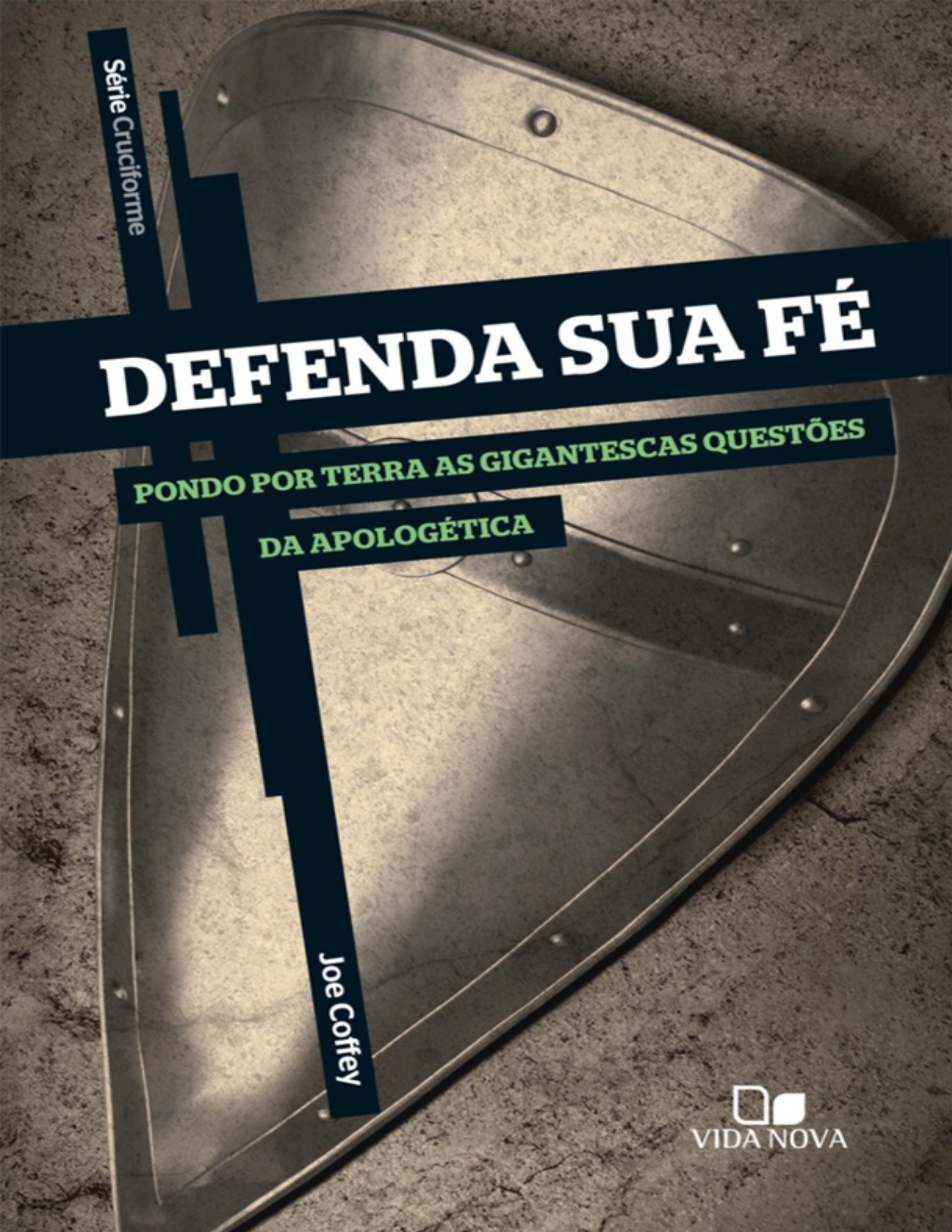

Série Cruciforme
DEFENDA SUA FÉ
PONDO POR TERRA AS GIGANTESCAS QUESTÕES DA APOLOGÉTICA
Joe Coffey
VIDA NOVA

"Que emocionante ver que Joe Coffey, aluno formado em nossa primeira turma do Centurions Program [Programa Centuriões], está aplicando os princípios da cosmovisão bíblica que ensinamos no BreakPoint e no Colson Center.

Neste livro pequeno, porém maravilhoso, Joe esboça os princípios da fé cristã de forma simples e sucinta, partindo do contexto das quatro perguntas fundamentais para a vida e o desenvolvimento de uma cosmovisão.

Trata-se de um material excelente, tanto para cristãos quanto para não cristãos que estejam em busca da Verdade."

Chuck Colson, autor de
O cristão na cultura de hoje (cpad) e
Uma boa vida (Cultura Cristã)

"Em sua maioria, os livros de apologética são muito longos, profundos e complicados. Este livro não tem nenhum desses defeitos. Assim como o título deixa prever, é como uma 'pedra lisa' que se arremessa com a funda da apologética em direção à mente do leitor inquiridor que está repleta de gigantescas questões relacionadas à defesa da fé cristã."

Norman L. Geisler, autor de Ética cristã
e Introdução à filosofia (Vida Nova)

DEFENDA SUA FÉ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coffey, Joe
Defenda sua fé : pondo por terra as gigantescas questões da apologética / Joe Coffey, tradução Fabiano Medeiros. -- São Paulo : Vida Nova, 2012 .

Título original : Smooth Stones : Bringing Down the Giant Questions of Apologetics.

ISBN 978-85-275-0497-3

1. Apologética 2. Fé 3. Teologia - Estudo e ensino I. Título.

12- 04385 CDD- 239

Índices para catálogo sistemático:
1. Apologética : Defesa da fé : Cristianismo

Série Cruciforme

DEFENDA SUA FÉ

PONDO POR TERRA AS GIGANTESCAS QUESTÕES DA APOLOGÉTICA

Joe Coffey

TRADUÇÃO
FABIANO MEDEIROS

VIDA NOVA

Copyright ©2011, Joe Coffey
Título original: Smooth Stones: Bringing Down the Giant
Questions of Apologetics
Traduzido da edição publicada pela Cruciform Press
(Adelphi, Maryland, eua).

1.a edição: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970.
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0497-3

Supervisão editorial
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

Revisão
Josemar de Souza Pinto

Coordenação de produção
Sérgio Siqueira Moura

Revisão de provas
Mauro Nogueira

Diagramação
Kelly Christine Maynarte

Adaptação de capa
Filipe Simião

Produção para ebook
S2 Books

Para minha esposa, Karen,
por cujo amor e graça sou diariamente inspirado.

Para os meus filhos, Jeremy, Rachel e Rebecca,
que continuam a encher minha vida de alegria.

Para minha mãe e meu pai, os que primeiro me ensinaram
a amar Jesus não só com o coração, mas
também com a mente.

— Joe Coffey

SUMÁRIO

CAPA
FICHA CATALOGRÁFICA
FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
INTRODUÇÃO

Um DEUS EXISTE?
Dois A CIÊNCIA É CAPAZ DE PROVAR QUE DEUS NÃO EXISTE?
Três A BÍBLIA É AUTÊNTICA E VERDADEIRA?
Quatro A QUESTÃO DO MAL E DO SOFRIMENTO
Cinco AS RELIGIÕES NÃO SÃO TODAS IGUAIS?
Seis JESUS EXISTIU DE VERDADE?

UM EPÍLOGO PARA NÃO CRISTÃOS: SUPERANDO OS OBSTÁCULOS À FÉ
UM EPÍLOGO PARA CRISTÃOS: UMA PALAVRA FINAL PARA O APOLOGISTA
SÉRIE CRUCIFORME

INTRODUÇÃO

O texto que li era apenas mais um artigo do *The New York Times*, mas falou profundamente comigo.[1] Nele, o jornalista Nicholas Kristof mostra-se preocupado com a descoberta de que é três vezes mais provável os americanos crerem no nascimento virginal de Jesus do que na evolução. Para Kristof, isso significa que os cristãos estão se tornando menos intelectuais e mais místicos, o que resulta "não somente em um abismo entre os Estados Unidos e o restante do mundo industrializado, mas em uma fissura cada vez maior também dentro do próprio país". O preconceito de Kristof transparece de modo inequívoco, em alto e bom som: "Mesmo sem provas científicas e históricas e mesmo com todas as dúvidas dos estudiosos da Bíblia, os Estados Unidos são um país tão religioso que não somente 91% dos cristãos afirmam crer no nascimento virginal, mas também, o que é estarrecedor, assim afirmam outros 47% de nós, não cristãos".

Kristof chega ainda a afirmar: "Não quero denegrir as crenças de quem quer que seja, mas quero, sim, ressaltar minha inquietação com a forma como as grandes tradições intelectuais das Igrejas Católica e Protestante estão definhando, gerando assim um antagonismo cada vez maior entre o mundo acadêmico e o religioso".

Kristof conclui com a frase: "O coração é um órgão maravilhoso, mas o cérebro é igualmente extraordinário".

DEIXAR O CÉREBRO NA ENTRADA?

Por que escrevi este livro? São duas as razões que tive para isso. A primeira delas foi o fato de haver tantas pessoas como o sr. Kristof, para as quais crer no cristianismo significa ter de deixar o cérebro de lado para simplesmente abraçar uma fé cega, colocando-se contra todas as previsões e todas as provas, exatamente como uma criança que acredita em Papai Noel ou Coelhinho da Páscoa. Mas, a meu ver, nada poderia estar mais longe da realidade.

A segunda razão é que a cada dois ou três anos um novo livro destinado a minar o cristianismo se tornará um *best-seller* e procurará abalar as estruturas da

fé de muita gente. E essas pessoas afirmarão: "Sabe de uma coisa? Já não sei mais se as minhas crenças são realmente verdadeiras". E isso acontecerá mesmo que os argumentos desses livros, ainda que bem escritos, sejam em geral pouco convincentes.

No Sermão do Monte, Jesus comparou nossa fé a uma casa construída sobre determinado alicerce.[2] Se construirmos a casa sobre uma fundação de areia, quando vierem as tormentas e soprarem os ventos da dúvida, ela ruirá. Mas, se a construirmos sobre o firme alicerce, quando as tempestades sobrevierem e quando surgirem as dúvidas, ela permanecerá de pé.

O que desejo nas páginas deste livro é inspecionar o nosso alicerce, de tal forma que possamos saber *por que* cremos no que cremos. Vamos examinar seis temáticas: a *existência de Deus*, os *desafios da ciência moderna*, a *validade da Bíblia*, a *questão do mal e do sofrimento*, as *semelhanças das demais religiões* e as *evidências que comprovam as alegações de Jesus*. Creio que descobriremos que a fé cristã está edificada sobre um número impressionante de provas fidedignas. Os cristãos não têm por que deixar o cérebro na entrada.

UMA PALAVRA AOS CÉTICOS

Se acontecer de você se flagrar lendo este livro, ainda que não creia em Deus, na Bíblia, em Jesus ou no cristianismo, tenho a esperança de que chegue até o final de sua leitura. O livro não é longo, por isso tamanho não deverá ser um problema para você. Também espero que avalie de mente aberta todas as evidências.

Tenho, porém, ainda outra esperança. Pode considerá-la um pedido que lhe faço. Comece a ler a Bíblia. E sugiro que inicie pelo Evangelho de João.

Mas por que eu me importaria em pedir a alguém que lesse a Bíblia sem crer nela? Jesus contou uma história em que um descrente morre e imediatamente percebe que gostaria muito de ter crido.[3] O homem deseja então que alguém retorne e descreva a situação a seus irmãos. Ele clama (estou aqui parafraseando):

— Por favor, envie alguém do mundo dos mortos de volta à terra para que meus irmãos percebam e compreendam.

— Eles têm a Bíblia — é a resposta que recebe.

Então o homem diz, basicamente:

— Mas só ela não basta. Eles precisam que alguém volte dos mortos.

A última afirmação de Jesus na história tem por objetivo mostrar que, se as pessoas não creem na Bíblia, não crerão nem mesmo que alguém volte dos

mortos e tente convencê-las.

É por isso que quero que você leia a Bíblia. Ela é a fonte de tudo o que Deus declara ser verdade. E o momento de lê-la, compreendê-la e aplicá-la é agora — enquanto ainda estamos vivos.

No capítulo 3, vou tratar das razões pelas quais você pode confiar que a Bíblia é autêntica e verdadeira. Mas primeiramente vamos examinar as razões para simplesmente crer que Deus existe.

Um

DEUS EXISTE?

Neste mundo, Deus só pode ser conhecido por meio da fé. Então, embora haja muitíssimas boas razões para crer — muitas das quais quero apresentar neste pequeno livro —, em certo sentido ninguém pode *provar* a existência de Deus.

Do mesmo modo, as pessoas que querem argumentar contra a existência de Deus também encontram razões para suas crenças. Mas assim como os cristãos não podem provar que Deus existe, essas pessoas também não podem provar que ele *não* existe. Tanto crer quanto não crer em Deus exige certa dose de fé.

Há, porém, um dado interessante: percebi que quase todos os que se posicionam contra a existência de Deus, sejam ateus declarados ou simples agnósticos, caem em contradição. Talvez não creiam que haja um Deus no Universo, mas ainda assim não conseguem livrar-se da íntima convicção moral de que as pessoas devem *fazer* certas coisas e simplesmente *não podem* fazer outras. Em meus debates com pessoas que não são cristãs, trazer à tona essa realidade, além de demonstrar que se trata na verdade de uma incongruência, tem-se mostrado algo que as ajuda muito. Então vamos gastar alguns minutos com o tema. Em seguida, no final deste capítulo, vou apresentar a primeira categoria de evidência de que Deus existe.

AS QUATRO QUESTÕES RELACIONADAS À EXISTÊNCIA

A incoerência ou falha lógica mencionada acima é mais fácil de perceber se levarmos em conta o que chamo de "as quatro questões da existência".

1. A questão da origem:
   De onde eu vim?
2. A questão do destino:
   Para onde vou?
3. A questão da finalidade:
   Por que estou aqui?
4. A questão dos padrões morais:

Como devo viver?

São várias as respostas possíveis. Mas a questão mais importante é que essas respostas estão vinculadas umas às outras — são interdependentes. Qualquer que seja a resposta que você der, ela precisa ser coerente com as demais. Caso contrário, cai por terra a integridade intelectual de quem a propõe. A resposta que você der à pergunta relacionada a seu *destino* dependerá da resposta que der à pergunta sobre sua *origem*. E sua resposta à pergunta sobre sua *finalidade* dependerá da resposta que der à pergunta sobre sua *origem* e sobre *seu destino*, e assim por diante. As quatro respostas devem se encaixar umas nas outras como tijolos de uma construção; caso contrário, entrarão em contradição entre si e resultarão em um sistema insustentável de crenças.

Voltaremos a esse conceito em alguns instantes. Mas antes vamos comparar e contrastar a forma de cristãos e não cristãos responderem às quatro perguntas.

O dilema ateu/agnóstico

Os cristãos fiéis à Bíblia responderiam às quatro questões da existência mais ou menos assim:

1. *De onde eu vim?*
   Das mãos de Deus, o meu Criador.
2. *Para onde vou?*
   Para o céu ou para o inferno por toda a eternidade.
3. *Por que estou aqui?*
   Para glorificar Deus e desfrutá-lo.
4. *Como devo viver?*
   Como Deus quer que eu viva; ele é o Senhor.

Contraponha essas respostas àquelas que um aluno de uma escola de ensino médio nos Estados Unidos normalmente receberia. (Vou exagerar um pouco aqui para deixar clara a mensagem que quero passar.)

Questão número 1: sobre a origem. O aluno levanta o braço na sala de aula e diz:

— Tenho uma pergunta. De onde eu vim?

— Bem — talvez diga o professor —, de acordo com uma das correntes da

evolução, você se originou de uma série de mutações aleatórias. Você é um acidente da natureza. Algumas pessoas acreditam que possa haver um projeto com uma finalidade por trás de todo o processo, mas é difícil ter total certeza disso. Creio que se trate apenas de uma série de mutações em que sobrevive o melhor ou o mais forte.

Questão número 2: sobre o destino. Então o aluno diria:

— Hum... Bem... então, para onde estou indo?

A resposta à segunda pergunta, uma vez que ela decorre da primeira, deve ser:

— Se você se originou de uma série de mutações e se a vida não passa de uma questão de sobrevivência do mais apto, então quando morrer você servirá de alimento para os organismos que vierem depois de você.

É nessas horas que o engraçadinho da classe dá o ar da graça e diz: "Ei, cara, ele quer dizer que você vai ser comida de minhoca! Vai se acostumando".

Então o professor acrescenta:

— Bem, com certeza sabemos o que acontece com o corpo, mas alguns afirmam que também temos alma e que essa alma continua a viver — em estado de felicidade, caso você seja uma boa pessoa, ou talvez de infelicidade, se for uma pessoa má. Na verdade ninguém sabe, e, no final das contas, essa não é uma pergunta que possamos investigar cientificamente.

Questão número 3: sobre a finalidade. A terceira pergunta que o jovem faria é:

— Tudo bem. Então por que estou aqui?

Essa é uma pergunta difícil. Muitos filósofos não cristãos responderiam afirmando que você precisa dar um *salto existencial* — precisa criar por si mesmo uma finalidade para a sua existência. Talvez essa finalidade seja reproduzir, ou fazer do mundo um lugar melhor, ou então experimentar todo prazer que puder, ou ainda se candidatar a presidente da nação. Cabe simplesmente a você decidir.

Então o professor que crê que a vida surgiu de mutações e que após a morte a gente basicamente serve para adubar o solo, muito provavelmente diria algo assim:

— Você está aqui para levar uma vida boa, como um bom cidadão, enquanto aproveita a vida o máximo que puder.

Resposta interessante, não é mesmo? A segunda parte, sobre simplesmente aproveitar a vida, é a decorrência mais natural, tendo em vista as primeiras duas

questões da existência, mas de onde vem esse negócio de "viver como um bom cidadão"? Daqui a pouco falarei mais sobre isso.

Questão número 4: sobre a moral. Então, naturalmente, a última pergunta do aluno seria:

— Se é assim mesmo, então como devo viver?

A única resposta coerente com as outras três é basicamente a seguinte: você *deve viver e fazer o que bem entender*. Mas na verdade não é isso que o professor dirá. Ele precisará humanizar um pouco a resposta, para que não soe tão animalesca. E então talvez ela fique mais ou menos assim:

— Procure encontrar a força que há dentro de você e viva aquilo que o seu eu interior lhe ditar. Busque uma boa formação, que seja suficiente para lhe permitir obter aquilo que deseja e depois tente praticar o bem tanto quanto quiser.

Coerência é indispensável

Não é de admirar que as pessoas estejam tão confusas. Nossos amigos ateus e agnósticos geralmente respondem às perguntas 1 e 2 levando em conta determinado consenso da ciência, da razão e da lógica. Pense no dr. Spock, de *Jornada nas estrelas*. Dentro dessa perspectiva, Deus simplesmente não tem vez e não é levado a sério. Mas, quando chegam às perguntas 3 e 4, sentem-se obrigados a introduzir ideias sobre certo e errado, sobre bem e mal, sobre amar as pessoas e ser bons cidadãos. "Está falando sério? Mas por quê? Como isso se encaixa de forma natural nas respostas que você deu às perguntas 1 e 2?" A verdade é que não se encaixa. Mas, lá no fundo, todos sabemos que responder às perguntas 3 e 4 de forma condizente com as respostas que dei acima às perguntas 1 e 2 faria com que nosso mundo não suportasse e entrasse em colapso. Por isso, as perguntas 3 e 4 obtêm respostas diferentes e, em troca, o que entra em colapso é a integridade intelectual.

Tendo isso em vista, ateus e agnósticos precisariam escolher muito bem aquele a quem chamarão de "próximo" — porque podem acabar num lugar em que para alguns é certo amar o próximo e para outros não há nenhum problema em devorá-lo.[4] As duas são conclusões lógicas baseadas em respostas coerentes com a visão ateísta/agnóstica para as quatro questões da existência.

EVIDÊNCIAS INTERNAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Quando a Bíblia diz que Deus colocou a eternidade no coração do homem,[5] quer dizer que ele incutiu em nosso ser a percepção de uma realidade que ultrapassa o mundo material. A natureza do próprio Deus é eterna. Então podemos ter como algo certo que encontraremos evidências de sua existência no interior da nossa alma. É o que chamo de evidência interna. A evidência externa é algo que encontramos fora de nós, pelo uso das ferramentas da ciência. Vou tratar disso no capítulo 2.

No restante deste capítulo, apresentarei três provas documentais relacionadas à evidência interna: *o conceito universal*, a *lei da natureza humana* e a tendência a uma *melhoria da saúde mental*.

O conceito universal

Toda civilização que já existiu neste planeta teve um "conceito de Deus" como parte de sua essência — desde a Idade da Pedra até o momento presente. Nesse sentido, a crença em Deus é universal.

Pense, por exemplo, na cultura americana. Estima-se que entre 86 e 96% dos americanos creem em Deus.[6] Em seu livro *God: the evidence* [Deus: a evidência], Patrick Glynn afirma que as pessoas têm uma inclinação natural para a oração e que, nos Estados Unidos, 90% das mulheres e 85% dos homens afirmam orar diariamente. Mais surpreendente ainda é o fato de que, dos 13% de americanos que se dizem ateus, um em cada cinco relata que ora diariamente![7]

Os seres humanos têm fome de Deus. Isso é algo com que já nascem. E toda fome sempre tem uma realidade que lhe corresponde. Acredito que seja seguro pressupor que nossa forte tendência a algum tipo de crença em Deus resulte dessa fome espiritual mais profunda — uma fome de conhecer nosso Criador, de nos relacionar e ter comunhão com ele.

Não temos fome de algo que não existe. Sentimos fome de comida, ou de conhecimento, de beleza, de amor, e essas coisas *existem de fato*. Podemos *imaginar* algo que não exista. É possível imaginar um mundo em que pudéssemos não apenas enxergar a cor laranja, mas também ouvi-la — só que não ansiamos por isso. Não temos o apetite despertado por isso. Não escrevemos canções a esse respeito. Temos fome de coisas que encontram correspondência na realidade.

Qual é a realidade que corresponde a essa fome espiritual por Deus sentida no mundo todo? Essa fome que atravessa todas as culturas, todos os povos, todas as línguas de toda civilização que já existiu na face da terra?

Essa realidade é Deus. Pois Deus colocou a eternidade no coração do homem.

A lei da natureza humana

Em seu livro *Cristianismo puro e simples*, C. S. Lewis descreve "nosso senso inato de certo e errado".[8] Lewis afirma que uma lei básica, uma ética universal que abrange um senso de equidade, parece ser algo intrínseco a todo ser humano. Você pode chamar isso de senso de justiça. É algo que todos reconhecemos. Se quiser testar essa hipótese, encontre um lugar em que as pessoas costumem formar filas, como num supermercado. Pegue suas compras e depois simplesmente fure a fila, entrando na frente de alguém. Independentemente do que as pessoas que estão atrás de você crerem, com certeza todas dirão a mesma coisa: que o que você está fazendo é injusto. Elas dirão: "Ei, escute aqui! Você não pode fazer isso!". Todos sabem que isso é errado, porque temos essa ética universal, um entendimento inato do que é certo e do que é errado.

Nos julgamentos de Nuremberg, após a Segunda Guerra Mundial, quando os Aliados julgaram os nazistas por crimes de guerra contra a humanidade, eles não os acusaram de ter cometido crimes contra as leis da Alemanha. O que disseram foi: "Vocês sabiam que estavam errados, todo ser humano sabe quando está errado — vocês sabiam disso o tempo todo". Condenaram os nazistas com base nessa ética universal que, lá no fundo do coração, todos os seres humanos reconhecem como verdade.

De onde vem esse tipo de lógica? Deus colocou a eternidade no coração dos homens.

Melhoria da saúde mental

Sigmund Freud não era fã de religião. Para ele, crer em Deus era sinal de desordem mental, algo a que chamou de neurose obsessiva universal. Ele dizia que Deus não existe e que crer para valer em algo que não existe, vivendo de acordo com essa crença é alienar-se da realidade — uma enfermidade que precisa ser curada.

Em certo sentido, Freud estava certo. Se a pessoa se dissocia da realidade e crê em algo que não existe, essa crença logo se mostrará insalubre, exercendo impacto negativo sobre a vida dessa pessoa. Digamos que eu acredite que há marcianos se escondendo nas paredes da minha casa. A princípio, apenas ouço barulhos, mas, à medida que o tempo passa, manifestarei uma enorme gama de

comportamentos que se tornarão cada vez mais prejudiciais, como sacar todo o dinheiro da poupança e ir morar no deserto. Quanto mais distorcemos a realidade ou nos afastamos dela, mais doentes nos tornamos.

É isso que acontece quando as pessoas creem em Deus? Patrick Glynn oferece evidências e uma resposta mais que surpreendente a essa pergunta:[9]

> Por mais irônico que pareça, pesquisas científicas na área da psicologia realizadas nos últimos 25 anos demonstraram que a crença religiosa, longe de ser uma neurose ou uma fonte de neurose, como querem Freud e seus discípulos, é um dos mais sólidos correlatos de saúde e felicidade mental como um todo.
>
> Estudo após estudo tem mostrado de um lado uma relação poderosa entre a crença e a prática religiosa, deixando entrever, de outro lado, comportamentos saudáveis com respeito a problemas como suicídio, uso indevido de álcool e drogas, divórcio, depressão, além de níveis até mesmo surpreendentes de satisfação sexual no casamento.
>
> Em suma, os dados empíricos vão exatamente na direção contrária ao consenso supostamente científico dos psicoterapeutas.

David B. Larson, M.D., concorda com esse posicionamento. Psiquiatra formado pela Duke, tendo fundado e dirigido o National Institute for Healthcare Research [Instituto Nacional de Pesquisas na Área da Saúde], o dr. Larson observou o mesmo fenômeno e chegou a esta conclusão:

> Se descobríssemos um novo tratamento de saúde que ajudasse a reduzir a taxa de suicídio entre adolescentes, prevenir o uso abusivo de álcool e drogas, aprimorar o tratamento para a depressão, reduzir o tempo de convalescença pós-cirúrgica, dos índices de divórcio e aumentar a sensação de bem-estar, acreditamos que todo médico do país faria o possível e o impossível para experimentá-lo. [10]

Larson está dizendo que *a crença em Deus* faz todas essas coisas, de modo que deveria ser prescrita por todo médico do país, sempre que você o procurasse com um problema. Você pode imaginar seu médico dizendo: "É o seguinte: vou ter de operá-lo. Você crê em Deus? Isso vai ajudá-lo na recuperação. E também em sua ansiedade e depressão".

Creio que Freud esteja correto em um aspecto. Se você crê sinceramente em algo que não existe, vai ficar menos saudável e talvez desenvolva uma doença mental. Mas temos toda essa avalanche de evidências que mostram que uma fé sólida em Deus resulta na *melhoria* da saúde mental. Segundo o próprio argumento de Freud, isso não levaria à conclusão de que as pessoas que creem em Deus não estão distorcendo a realidade, uma vez que, na verdade, Deus é real?

Aí temos de novo o mesmo fato. Deus colocou a eternidade no coração dos

homens.

* * *

Acabamos de examinar três provas da evidência interna. Comecei por elas por acreditar que são convincentes e difíceis de refutar. No capítulo seguinte, examinaremos a evidência externa. Entraremos no campo da ciência — um território em que a fé de muitos tem sido severamente desafiada. Espero mostrar que a fé e a ciência não são incompatíveis; aliás, a ciência de fato aponta para a existência de Deus.

Dois

A CIÊNCIA É CAPAZ DE PROVAR QUE DEUS NÃO EXISTE?

De acordo com a Bíblia, há evidências externas e inequívocas da existência de Deus. Estão em toda parte, o tempo todo; basta querer enxergar. E onde as encontramos? Na criação: "... os [...] atributos invisíveis [de Deus], seu eterno poder e divindade, são vistos claramente desde a criação do mundo e *percebidos mediante as coisas criadas*, de modo que esses homens são indesculpáveis".[11]

Como mostrarei neste capítulo, a ciência é amiga das pessoas que creem em Deus. A ciência desvenda os fatos acerca da criação, a forma extraordinária como tudo funciona no mundo natural. Mas crer exclusivamente na ciência — dizer que nada "tenha sido criado" — é fechar os olhos até mesmo para a possibilidade de um Deus criador. Qualquer pessoa que assuma essa posição imediatamente se vê diante de três grandes questões:

1. Qual a origem do Universo?
2. Como a vida pode ter surgido de matéria inanimada?
3. Como algo simples passou a ser complexo?

A maioria das pessoas que negam a existência de Deus acredita que a evolução oferece respostas cabais às perguntas 2 e 3. Na verdade, quase todos concordam com a ideia de que a evolução é um processo minimamente válido. Com o nome de *micro*evolução, esse é o tipo de mutação que pode se processar *dentro das espécies*, como o famoso bico do tentilhão para o qual Darwin chama a nossa atenção. Mas há quem faça uso da teoria da evolução biológica de maneira muito mais devastadora. Essas pessoas defendem a ideia de que ela oferece um paradigma para compreendermos como o homem pôde evoluir a partir de uma simples célula, a qual, para muitos cientistas, surgiu de matéria inanimada (a chamada "sopa primordial"). É sobre esse tipo de evolução que estou tratando neste livro.

FILOSOFIAS CONFLITANTES

Stephen Jay Gould, falecido professor de biologia evolutiva da Universidade de Harvard, foi considerado uma das maiores sumidades em matéria de evolução. Pouco antes de morrer, ele escreveu:

> Não há teoria científica capaz de representar qualquer ameaça à religião, pois essas duas grandes ferramentas de compreensão operam em campos totalmente independentes um do outro. A ciência é uma investigação sobre o estado factual do mundo natural; a religião é uma busca por sentido espiritual e valores éticos.[12]

Vimos no capítulo anterior que as quatro questões da existência estão inseparavelmente ligadas umas às outras. Você percebe como a afirmação de Gould tenta separar as respostas dadas às duas primeiras questões daquelas dadas às duas últimas? Ele está tentando fazer algo que é logicamente impossível.

Gould acerta ao afirmar que a ciência é uma grande ferramenta para desvendar os fatos sobre o estado do mundo natural. Mas aqui precisamos fazer uma importante advertência: os fatos não se interpretam por si sós. Precisam ser inseridos em sistemas para poderem ser compreendidos e assim adquirirem significado. Esses sistemas são conhecidos como *filosofias*. Todas as filosofias predominantes hoje em dia podem ser divididas em duas categorias principais: o *naturalismo* e aquilo que chamo de *naturalismo "plus"*.

Naturalismo. O naturalismo afirma que o Universo é constituído exclusivamente de matéria e energia, e as únicas coisas que existem são as que podem ser experimentadas pelos sentidos — o que podemos ver, ouvir, cheirar, degustar e/ou tocar. A ciência nos permite detectar com os sentidos e analisar com a mente formas de matéria e energia — como os átomos, as galáxias e a atividade no interior de uma célula — sobre as quais não teríamos grande conhecimento de outro modo. De acordo com os naturalistas, nada existe fora da natureza, e, portanto, o sobrenatural é absoluta imaginação.

Naturalismo plus. A outra categoria filosófica pode ser chamada sobrenaturalismo, mas vamos chamá-la "naturalismo *plus*". A razão disso é que, além de aceitar a existência óbvia da matéria e da energia — da realidade que podemos experimentar por meio dos cinco sentidos —, o naturalismo *plus* reconhece uma realidade que não faz parte da natureza, ou seja, de algo sobrenatural. A grande maioria das pessoas que abraçam o naturalismo *plus* acredita que esse "algo sobrenatural" é um ser extremamente inteligente e

poderoso que chamam de Deus. Os defensores do naturalismo *plus* que acreditam na existência de Deus são conhecidos como *teístas*.

É importantíssimo entender que o abismo não está entre ciência e fé. A fé na existência de Deus não é incompatível com a ciência, nem a ciência é incompatível com a fé em Deus. O abismo existe entre o naturalismo e o naturalismo *plus*. Ou seja, ele está posto entre duas filosofias distintas uma da outra. A ciência e a fé tornam-se formas *conflitantes* de ver o mundo, em vez de *complementares,* somente quando recebem a influência da filosofia naturalista — uma filosofia disposta a se curvar ao retrocesso com o objetivo de interpretar os fatos científicos de modo que pareçam excluir a validade da fé e a validade do naturalismo *plus*.

Então não caia nessa história de que o conflito se dá entre ciência e fé. Não é e nunca foi assim. Ele sempre ocorreu entre duas filosofias rivais — o naturalismo e o naturalismo *plus*. A ciência é uma ferramenta que cada um desses lados pode usar bem ou mal.

O BOLO E O COSMO

Os naturalistas dependem da teoria da evolução para explicar como a vida surgiu a partir de matéria inanimada e como algo simples se tornou complexo. Mas como explicam a origem do Universo? Durante anos, a posição naturalista foi a seguinte: o Universo não teve uma origem específica — ele sempre existiu. Se tal alegação for verdadeira, então precisa ter havido uma quantidade infinita de tempo disponível para que a sopa primordial evoluísse em organismos complexos — pressuposto central dos naturalistas.

Imagine o Universo como um enorme bolo. Poderíamos encontrar evidências da existência de um confeiteiro? Se o bolo existe desde suas mais remotas lembranças, e se sua genealogia mostra que o bolo existia quando seu pentavô estava vivo, e se você extrapolar esse conceito para o passado infinito, talvez conclua que o bolo *sempre* existiu. E, se o bolo sempre existiu, significa que nunca houve um confeiteiro. É o que os naturalistas acreditaram por muito tempo a respeito da origem do Universo.

Contudo, em 1927, Edwin Hubble, inventor do potente telescópio que leva seu nome, realizou um experimento. Ele fez passar a luz de uma estrela distante por um prisma. Com isso descobriu que a luz se deslocava para o campo vermelho do espectro de cores, o que provou que a estrela estava se movendo

para mais longe da Terra. O fenômeno se repetiu com todas as estrelas que ele testou. Então chamou esse fenômeno de "desvio para o vermelho", concluindo a partir disso que o Universo está em expansão. O achado levou ao que mais tarde veio a ser conhecido como a teoria do Big Bang.[13] Se o Universo está em expansão, deve estar se expandindo a partir de algum lugar, e, se você regressar o suficiente no tempo, concluirá que o Universo precisa ter se expandido a partir de um único ponto, um ponto que um dia deve ter provocado um estrondo muito grande.

Depois, em 1964, Arno Penzias e Robert Wilson, dois cientistas do Laboratório Bell, descobriram e começaram a medir a radiação cósmica de fundo em micro-ondas. Trocando em miúdos, se você estiver na rua no dia de ano-novo assistindo à queima de fogos de artifício e observar uma explosão contra o fundo escuro do firmamento, verá que ela ilumina o céu e depois desvanece. A marca da explosão que perdura é um eco de radiação. Recuando no tempo com suas pesquisas, Penzias e Wilson utilizaram ecos de radiação para medir a explosão inicial que, segundo a teoria deles, teria dado início ao Universo.[14] Por meio de uma série de experimentos científicos inter-relacionados e concluídos em 1994, esses cientistas provaram, sem deixar rastros de dúvidas científicas razoáveis, que o Universo nem sempre existiu.

A cada semana Carl Sagan, o famoso naturalista, começava da mesma maneira o *Cosmos*, um programa de tv que apresentava na década de 1980: "O cosmo é tudo o que existe, tudo o que existiu e tudo o que jamais existirá". Agora sabemos que ele estava redondamente errado.

ANTES DO COMEÇO: *EX NIHILO*

Gênesis 1.1 afirma: "No princípio, Deus criou os céus e a terra". E Hebreus 11.3 diz: "Pela fé, entendemos que o universo foi criado pela palavra de Deus, de modo que o visível não foi feito do que se vê". Ou seja, a Bíblia afirma que Deus criou o Universo a partir do nada. Os teólogos cunharam um termo para esse conceito: *ex nihilo*, "a partir do nada". Significa que, antes de "Deus criar", não apenas não havia Universo, mas não havia nada *a partir do que* criar um Universo — nada de matéria, energia ou tempo. Tampouco havia uma dimensão, ou seja, um espaço no qual *não* existisse a matéria a partir da qual o Universo foi criado. Então, não havia nada, duplamente, se você entende o que quero dizer.

Os defensores do "Big Bang" explicam a criação do Universo por aquilo que

chamam de "singularidade". Quando os físicos falam da expansão do Universo a partir de uma singularidade, estão afirmando que a dimensão — o espaço em si — expandiu com o Big Bang. Não há nada fora do Universo, afirmam os naturalistas; portanto, singularidade é uma maneira de dizer que o Universo surgiu de um verdadeiro nada.

Os teístas acreditam que a existência e a atividade de um Criador é a principal explicação para que algo possa surgir do nada. A beleza e a magnificência das palavras "Deus criou" são reveladas no seguinte: a partir do nada, surgiu não uma coisa qualquer, mas todo um Universo. E não apenas qualquer Universo — mas um Universo com vida. E não apenas qualquer vida — mas vida inteligente, com pessoas como você, que sabem ler palavras, frases, parágrafos e extraem deles um significado.

Para os teístas, o trabalho de Hubble, Penzias e Wilson é capaz de fornecer evidências *científicas* confiáveis para apoiar a posição teísta: a criação aconteceu *ex nihilo*! Deveria ter sido matéria de capa no *The New York Times:* "Ciência encontra novo apoio para a existência de Deus". Mas que lhe parece? Essa manchete nunca aconteceu.

Hugh Ross, ph.D., astrofísico altamente respeitado, fez a seguinte observação:

> Quanto mais os pesquisadores ateus e agnósticos são encaminhados, repetida e gradativamente, pelas evidências em favor de um Criador pessoal, mais e mais eles inventam saídas esdrúxulas para escapar dessas descobertas. Essa engenhosidade desencaminhada sem dúvida continuará até o retorno de Cristo. No entanto, as evidências de um Universo projetado, iniciado, formado e sustentado por Deus, exatamente como a Bíblia o descreve, continuam a aumentar.[15]

AS EVIDÊNCIAS DE UM *DESIGN* INTELIGENTE

O *design* inteligente é a tese de que a existência do Universo e da vida se explica melhor pela ação de uma causa inteligente, não de processos aleatórios como a seleção natural. Para os teístas, as evidências do *design* inteligente são as evidências para a existência de Deus.

Voltemos à analogia do bolo. Os bolos não existem sem os confeiteiros, e os confeiteiros precisam se utilizar de receitas. Se você examinar um bolo cuidadosamente, começará a perceber que há vários ingredientes nele, e todos precisam ser acrescentados em certa medida e em determinada sequência e depois assados a determinada temperatura por um certo tempo. Você tem farinha, açúcar, baunilha, manteiga e ovos. Mas, se acrescentar uma xícara de sal no lugar do açúcar, o que poderia ter sido um bolo saboroso acabará se tornando

uma mixórdia intragável. Imagine então que o Universo é um bolo e pergunte-se se há evidências da existência de uma receita. Se houver, é mais provável que haja um confeiteiro por trás da receita.

Brandon Carter, ph.D., foi cosmólogo e astrofísico na Universidade de Cambridge. Em 1973, participou de uma conferência na Cracóvia, Polônia, onde apresentou uma comunicação ao mais prestigiado encontro de astrofísicos e astrônomos do mundo. Intitulada "O princípio antrópico",[16] a comunicação de Carter afirmava que o Universo é formado por todo tipo de ingredientes não relacionados entre si, como as partículas subatômicas, as forças nucleares de maior ou menor potência, a radiação eletromagnética, a gravidade, e mais de trinta outros ingredientes. Ele disse que todos esses ingredientes tiveram de se unir em proporções exatas e interagir em sequências exatas, com precisão absoluta, para que a vida humana em nosso planeta fosse sustentada. Não apenas para torná-la comestível, como um bolo, mas para que fosse *sustentável*. Tudo tinha de estar em perfeito equilíbrio. Se apenas um desses ingredientes perdesse o equilíbrio, ainda que em um milésimo de 1% — bum! —, não haveria mais Universo habitável!

Carter concluiu que o Universo dá todas as indicações de ter sido projetado em detalhes, com uma coisa em mente — nós! Nós! É por isso que ele chamou seu trabalho de "princípio antrópico", expressão em que o adjetivo é originário da palavra grega *anthropos*, que significa "homem". Não surpreende que tenha suscitado uma explosão de fúria na comunidade científica. A pesquisa de Carter apontava para um *designer* com uma receita, um Deus intencional e grande o suficiente, além de inteligente o bastante, para gerenciar todos os ingredientes de um Universo inimaginavelmente imenso.

A RESPOSTA NATURALISTA: UNIVERSOS MÚLTIPLOS

A evidência científica de que o Universo teve um começo apresentou dois desafios para a filosofia naturalista. Em primeiro lugar, os naturalistas tiveram de lutar para arrumar uma nova explicação para a origem do Universo. E, em segundo, não poderiam mais alegar que a macroevolução tivesse acontecido em um tempo ilimitado.

Os naturalistas acabaram por responder com uma nova categoria de teorias para tentar explicar como todas essas condições precisas poderiam vir a existir por acaso em nosso Universo. A ideia fundamental é que múltiplos universos devem existir simultaneamente, sendo cada um o resultado de inúmeros

acontecimentos aleatórios. Dentre esses bilhões e bilhões de universos paralelos, por acaso estamos no único Universo em que tudo aconteceu em sintonia e de forma simplesmente perfeita.

Isso me faz pensar em bilhões e bilhões de receitas de bolo, em que os elementos de cada receita são aleatórios. Vamos simplificar o conceito e limitar os ingredientes possíveis a verdadeiros ingredientes de bolo, mas em *proporções* ou medidas aleatórias. Para cada receita, há um pacote de ingredientes. Alguns pacotes não têm sal, outros têm muito sal; alguns não têm farinha, outros têm muita farinha; alguns devem ser assados a mil graus, outros nem são assados. Mas, dentre todos esses bilhões e bilhões de pacotes, no fim um bolo dá certo. Essa é, no fundo, a teoria de como o nosso Universo habitável pode ter surgido.

Mas a questão é que isso não é ciência. Não envolve absolutamente nenhum fato científico. É pura filosofia — a filosofia naturalista que rejeita até mesmo a possibilidade de um "confeiteiro" ou de um *designer* como Deus.

Alvin Plantinga, professor de filosofia em Notre Dame, comparou essa teoria a um jogo de pôquer no Velho Oeste. Um jogador tira quatro ases, vinte vezes em sequência. Todos começam a sacar da arma, e o jogador diz:

— Esperem, esperem, esperem! Quero que reflitam numa coisa. Em todos os bilhões e bilhões de jogos de pôquer que aconteceram neste mundo e em outros mundos, vocês não acham que um dia poderia acontecer de um jogador tirar quatro ases, vinte vezes seguidas, sem necessariamente estar roubando?

E as pessoas ao redor da mesa diriam:

— Sim, é uma possibilidade. Agora você vai morrer!

Isso aconteceria porque ninguém leva em conta uma linha tão tênue de possibilidades.

ENTROPIA: OUTRA DOR DE CABEÇA PARA OS NATURALISTAS

A segunda lei da termodinâmica é também conhecida como lei da entropia. Mas prefiro chamá-la de "lei do quarto do seu filho". Ela afirma que as coisas sempre partem da ordem para a desordem, a menos que você imprima certa inteligência no sistema e forneça uma fonte externa de energia. É por isso que, quando você diz a seus filhos: "Vão limpar o seu quarto", eles nunca voltam e dizem: "Mas eu deixei a janela aberta, e o vento soprou tão forte que ficou tudo limpo!". Você não creria neles, porque nada em nosso Universo jamais funciona dessa maneira. Pelo menos, não sem uma força sobrenatural.

Nunca se provou que a lei da entropia estivesse errada. E essa lei faz com

que os naturalistas entrem em crise quando precisam explicar a origem da vida e como algo simples pode se tornar complexo. Mas, para os que se posicionam ao lado do naturalismo *plus*, especialmente os teístas, a lei da entropia não é em nada preocupante. Antes, ela fornece mais evidências externas para a existência de Deus — um Deus com inteligência e energia ilimitadas para criar e sustentar a vida e todo o Universo.

A Bíblia declara que "em [Cristo] todas as coisas subsistem"[17] e que "ele sustenta o Universo pela palavra do seu poder".[18] Apesar do fato óbvio de que tudo tende a ir da ordem para a desordem, uma rede ordenada, com incrível complexidade, é conservada neste mundo sem solução de continuidade. Como podem coexistir a entropia e um alto grau de ordem no mesmo Universo? Porque Deus mantém tudo em equilíbrio.

COMPLEXIDADE ESPECIFICADA

Como a vida pôde surgir da matéria inanimada? A resposta naturalista é mais ou menos assim:

Fenômenos químicos
+
Tempo
+
Acaso aleatório (porque ninguém dirige
os processos e fenômenos)
=
Vida

Foi o que aprendemos na escola, na maioria dos casos. Lembra-se da sopa primordial? Os elementos químicos fervilhavam ao redor da superfície da Terra, acima e abaixo dela, e em seguida cai um raio — assim, não mais que de repente, a vida surge.

Mas, nos últimos anos, a ferramenta da ciência trouxe à tona vários problemas com essa explicação. O primeiro surgiu com a microbiologia, ciência relativamente recente impulsionada pela invenção do microscópio. Microscópios cada vez melhores foram desenvolvidos, a ponto de hoje termos microscópios eletrônicos de varredura capazes de ampliar objetos em até dois milhões de vezes, e microscópios de força atômica capazes de "sentir" as nuvens de elétrons

dos átomos. O que os microbiólogos descobriram é que uma única célula viva é muito mais complexa que as pessoas inicialmente imaginavam. Em cada célula viva, milhares e milhares de *máquinas orgânicas* transitam para frente e para trás, transportando material de um lado para o outro.

Michael Denton escreveu:

> Amplie uma célula mil milhões de vezes, até que ela fique com 20 quilômetros de diâmetro e se assemelhe a um dirigível gigante o suficiente para cobrir uma grande cidade como Londres ou Nova York. Então veríamos um objeto de complexidade e *design* adaptativo sem paralelos. Na superfície da célula, veríamos milhões de aberturas, como as vigias de uma enorme espaçonave, abrindo e fechando para permitir que um fluxo contínuo de materiais entre e saia. Se tivéssemos de entrar por uma dessas aberturas, nós nos encontraríamos em um mundo de elevada tecnologia e complexidade desconcertante.[19]

William Dembski, ph.D., é filósofo analítico e membro sênior do Centro de Ciência e Cultura do Instituto Discovery. Em 2002, Dembski apresentou uma teoria chamada "complexidade especificada".[20] Trocada em miúdos, ela afirma que, quanto mais complexa for a montagem de determinada coisa, mais inteligência e energia são necessárias para montá-la. Por exemplo, se você desmonta um cortador de grama em mil peças, montá-lo exigirá muito mais inteligência e energia do que é preciso para montar um sanduíche de presunto composto apenas de cinco partes.

Dembski chamou a atenção para o nível de complexidade de uma única célula viva e fez a inevitável pergunta: "Como isso poderia ter passado a existir sem uma inteligência?". A resposta do naturalista é: "por processos aleatórios". Mas, como veremos na próxima seção, a hipótese de esse nível de complexidade ter surgido do caos, por meio de processos aleatórios, é algo tão absurdamente improvável que no fundo é de fato uma impossibilidade estatística.

Esses mesmos fatos descobertos pela ciência da microbiologia são observados pelos teístas que neles enxergam mais evidências externas da existência de um Deus de inteligência, energia, beleza e majestade inconcebíveis.

A MATEMÁTICA DA IMPOSSIBILIDADE

A questão da complexidade torna-se ainda mais problemática para os naturalistas quando têm de enfrentar a questão da base molecular da origem da vida. Essa questão recebe realce ainda maior no campo da matemática aplicada.

David Foster estudou a probabilidade de um processo aleatório produzir o dna de uma das células simples mais primitivas. Ele escreveu: "O dna do

bacteriófago t4 tem uma improbabilidade de $10^{78.000}$. Em um Universo com idade de apenas 10^{18} segundos, é óbvio que a vida não poderia ter evoluído por acaso".[21]

Mas e se o Universo for mais velho do que afirma David Foster? O consenso dos naturalistas hoje defende que o Universo tem 13,7 bilhões de anos. Isso é menos que 10^{42} segundos e, de acordo com a matemática do Big Bang, ainda não o tempo suficiente para explicar as complexidades do dna e da origem da vida.

Frederick Hoyle foi o matemático que cunhou a expressão "Big Bang". Quando tentou apurar como algo tão complexo quanto uma célula viva poderia surgir por meio de processos aleatórios, fez os cálculos e chegou à chance de $10^{40.000}$.[22] Para colocar esse número em perspectiva, você deve saber que o número total de átomos no Universo observável é de apenas 10^{80}.[23] A propósito, Hoyle era um naturalista, certamente não inclinado para o naturalismo *plus*, e em sua época a compreensão científica de uma célula viva era extremamente primitiva e simplista — se estivesse fazendo essa estimativa hoje, a probabilidade seria *muito* menor.

No frigir dos ovos, tudo isso resulta no seguinte: a probabilidade de a vida emergir de matéria inanimada por meio de um processo aleatório é tão ridiculamente pequena que poderíamos até dizer que é praticamente impossível. Aliás, com números como uma chance em $10^{40.000}$, o campo da matemática aplicada pode fornecer a evidência externa mais convincente para a existência de Deus.

A GENÉTICA, A PALEONTOLOGIA E A GEOLOGIA

Ao longo dos anos, a explicação naturalista de como algo simples se tornou complexo encontrou grandes desafios oriundos de muitas outras disciplinas da ciência. Considere, por exemplo, o campo da genética. Os geneticistas descobriram que você pode introduzir uma série de mudanças dentro de uma espécie. Você pode fazer cães realmente grandes, e pode fazer cães bem pequenos, mas não pode fazer um cão tão pequeno como um gafanhoto ou tão grande quanto um elefante. Você pode fazer um cão grande, mas não pode fazer um cão com asas. Por que não? Porque existem limites genéticos em operação, fronteiras tão fortes que não há meio de contorná-las. A filosofia naturalista não pode explicar esse fato científico, porque suas teorias preveem que o poder da aleatoriedade simplesmente não pode ter limites.

Considere, por exemplo, os campos da paleontologia (o estudo da vida na

pré-história) e da geologia (o estudo da terra e de seu registro fóssil). Darwin afirmou que a evolução do simples para o complexo é um processo gradual — tão gradual que não é possível observá-lo enquanto acontece. Pode haver seres em transição por toda parte ao redor, mas você não pode realmente notar, porque a evolução acontece tão devagar que é imperceptível. Darwin reconheceu que a prova para essa teoria estaria no registro fóssil:

> A geologia certamente não revela nenhuma cadeia orgânica graduada com tanta sofisticação assim; e isso talvez seja a objeção mais óbvia e mais grave que pode ser feita contra a minha teoria. A explicação está, como acredito, na extrema imperfeição do registro geológico.[24]

Em outras palavras, eis o que Darwin está dizendo: "Reconheço que agora não há provas, mas você acabará encontrando se vasculhar por tempo suficiente. Minha teoria repousa sobre isso".

Isso explica por que os naturalistas estão sempre procurando o *elo perdido*. Na verdade, não estão à procura de apenas um elo — precisam procurar milhões de elos, porque é isso que seria necessário para ligar todos os pontos do traçado entre a sopa primordial e os seres humanos. Mas, depois de mais de 150 anos desde a previsão de Darwin, eles ainda não encontraram muitos elos. Têm apenas um punhado que dizem ser fósseis de transição. Aliás, Stephen Jay Gould escreveu:

> A extrema raridade de formas transicionais no registro fóssil persiste como a fórmula secreta da paleontologia. As árvores evolutivas que adornam nossos livros didáticos têm dados somente nas extremidades e nos nós de seus ramos; o resto é inferência, por mais razoável que seja, não a evidência de fósseis.[25]

Isso levou Gould a propor uma nova teoria chamada "equilíbrio pontuado". Ele diz que, quando você cava a terra, descobre que as espécies mantêm um estado de estase, permanecendo da mesma forma por muitos e muitos anos; depois, de repente, transicionam para uma nova espécie, mas de modo tão rápido que não deixam registros.

Quero apenas que você entenda bem o que ele está afirmando aqui. Temos aí um professor de Harvard, uma das maiores autoridades em evolução de seu tempo, que afirma que sua teoria se baseia em algo que acontece tão rápido que não deixa provas. Ora, isso não é ciência; é filosofia.

Enquanto isso, os teístas veem a falta de registro fóssil que apoie a macroevolução como evidência externa indireta da existência de Deus.

UM PEQUENO CONSELHO

Ao falar com alguém que nega a existência de Deus, evite discussões sobre a idade da Terra, ou se Gênesis se refere a sete dias literais de 24 horas, ou se houve um dilúvio global. Em vez disso, faça as perguntas mais importantes, procurando responder a elas: "A existência de Deus é compatível com os fatos que o aparato científico tem descoberto? E é compatível com uma avaliação honesta do que está dentro de nós?".

As quatro questões da existência do capítulo 1 são um bom ponto de partida. Demonstre como as respostas do cristianismo são condizentes com o aparato científico *e ainda* coerentes entre si. Algo que pode ajudar também é esclarecer o campo em que os conflitos surgem — a filosofia naturalista contra a filosofia naturalista *plus*, ou o sobrenaturalismo.

Por último, apresente suas provas — as evidências (científicas) internas e externas da existência de Deus.

Enquanto apresenta suas provas, mostre como as respostas do cristianismo são requintadas em termos de beleza e poder, e como fornecem uma descrição mais razoável e profundamente significativa acerca da verdade do que o naturalismo jamais seria capaz de oferecer. Mostre da melhor maneira possível como as impressões digitais de Deus são vistas em todas as descobertas da ciência, como sempre aconteceu.

* * *

Vamos supor por um instante que Deus exista. Muito do que sabemos sobre Deus provém da Bíblia. Mas a Bíblia é fidedigna? Podemos confiar nela? Vamos nos aprofundar nessas perguntas no capítulo seguinte.

Três

A BÍBLIA É AUTÊNTICA E VERDADEIRA?

A Bíblia é um livro impressionante. Foi escrita em três idiomas, por cerca de quarenta autores, durante um período de mais de 1.600 anos. Apesar de toda a sua diversidade, tem em seu conjunto um único tema: o plano de Deus para redimir a humanidade decaída.

Talvez o que mais impressione na Bíblia é o fato de se afirmar inspirada por Deus. Nas línguas originais, a expressão "inspirada por Deus" significa literalmente *soprada por Deus*. Ou seja, a Bíblia afirma ser as próprias palavras de Deus.

Aí está algo que ou é verdade, ou simplesmente não é.

Se a alegação que a Bíblia faz a respeito de si mesma for infundada, podemos descartá-la com segurança. Caso se trate, porém, de uma reivindicação verdadeira, é melhor que prestemos o máximo de atenção a esse livro, uma vez que não poderia haver autoridade maior na terra.

Aqui está o mais breve resumo do que está em jogo quando nos perguntamos se a Bíblia consiste ou não nas palavras de Deus.

- Se a Bíblia é soprada por Deus, todas as suas alegações são verdadeiras.
- Se a Bíblia é soprada por Deus, sabemos a razão de existirem as coisas em vez de nada existir.
- Se a Bíblia é soprada por Deus, sabemos como o passado e o futuro são traçados de maneira ampla. Sabemos por que o Universo existe. Sabemos por que existimos. E sabemos o que permanecerá quando não mais houver nenhum vestígio da Lua, da Terra ou do Sol.

Se, porém, a Bíblia não for verdadeira, se ela não for soprada por Deus, não temos como ter certeza de nenhum desses fatos. A questão da verdade e da autenticidade das Escrituras é certamente algo da maior importância.

Tratarei de duas questões neste capítulo. A primeira diz respeito à pergunta

sobre como podemos saber com certeza se a Bíblia é *autêntica:* "Como ter certeza de que a Bíblia que temos hoje em mãos é a mesma que foi escrita originalmente?". A segunda pergunta procura lidar com o fato de a Bíblia ser ou não *verdadeira:* "Como saber ao certo se os autores da Bíblia podem ser considerados testemunhas confiáveis?".

A BÍBLIA QUE TEMOS HOJE É AUTÊNTICA?

Precisamos encarar os fatos: a Bíblia teve tempo mais do que suficiente para se corromper. Mesmo as seções mais novas da Bíblia foram escritas cerca de catorze séculos antes da invenção da imprensa. E naturalmente não é incomum as pessoas presumirem que com o tempo os relatos escriturísticos tenham sido exagerados.

Nos Estados Unidos existe uma lenda bem famosa sobre um grande lenhador chamado Paul Bunyan. Imagino que na vida real ele até fosse um sujeito bem grande. No entanto, as canções que se cantavam sobre ele, tempos mais tarde, informavam que ele era "da altura de 63 cabos de machado, pés no chão e cabeça no céu, além do telhado". É assim também que algumas pessoas pensam a respeito de Jesus. Elas dizem: "Ah, claro, Jesus deve ter sido um bom homem, um bom mestre. Só que depois seus discípulos o tornaram um pouco maior do que na vida real, e depois disso as pessoas o tornaram ainda um pouco maior, e, antes mesmo de se darem conta, ele já estava andando sobre as águas, dando vista aos cegos e ainda por cima envolvido nessa história de ressurreição".

Como é possível saber se a Bíblia é autêntica? Ou seja, como saber se ela não foi sendo aumentada com o tempo, como a lenda de Paul Bunyan? Uma das maneiras é examiná-la como qualquer outra obra da Antiguidade. Os historiadores desenvolveram um método para testar a autenticidade desse livro. Esse teste de autenticidade consiste em três perguntas:

1. Qual a data da cópia mais antiga?
2. De quantas cópias dispomos?
3. Quanto as cópias variam umas das outras?

Para começo de conversa, não há manuscritos originais de nenhuma obra da Antiguidade. Simplesmente nenhum. Os originais escritos em pergaminho ou velino já deterioraram há muito tempo. Todos os documentos que até hoje existem não passam de cópias. Por isso mesmo essas perguntas são tão

importantes. Estaremos em bons ou maus lençóis dependendo de quão próxima for a cópia da data de composição, de quantas cópias mais antigas tivermos à disposição e de quão fiéis essas cópias forem umas às outras.

Perguntas 1 e 2: O "Auditório da Autenticidade"

Eis uma maneira de mostrar como o teste de autenticidade funciona para as perguntas 1 e 2. Dou a esse método o nome de "Auditório da Autenticidade".

Imagine um auditório em que o palco representa a data da composição do original. Cada fileira de cadeiras que percorre o corredor central representa cem anos contados a partir da data original. Se nossa cópia tiver sido criada 250 anos depois do documento original, por exemplo, ela corresponderia ao ponto intermediário entre as fileiras 2 e 3. Então reunimos todas as cópias do documento original e as distribuímos pelo corredor, ao lado da fileira exata a que elas correspondem. Quanto mais próximos do palco os documentos estiverem (Pergunta número 1) *e* quanto maior o número de documentos que tivermos (Pergunta número 2), mais certeza teremos a respeito da autenticidade de um documento.

Vamos examinar três exemplos de escritos da Antiguidade — de Aristóteles, de Júlio César e de Homero —, procurando avaliá-los em comparação com o Novo Testamento nesse Auditório da Autenticidade.

Aristóteles. Os tratados de lógica de Aristóteles (conhecidos coletivamente como *Órganon*) foram escritos por volta de 340 a.C. Segundo os historiadores, essa foi a data da redação original, situada, portanto, à frente do palco. A cópia mais antiga de que dispomos é datada de 1100 d.C., ou seja, 1.440 anos depois do original. E existem ainda cinco dessas cópias. Assim, no Auditório da Autenticidade, poderíamos colocar essas cinco cópias no corredor central entre as fileiras 14 e 15.

César. Júlio César escreveu a *História das guerras da Gália* em aproximadamente 50 a.C. A cópia mais antiga que temos é de 1000 d.C. Isto é, de 1.050 anos depois do original. Existem nove cópias desse período, e as colocaríamos entre as fileiras 10 e 11. A historiografia de Júlio César tem uma classificação de autenticidade melhor que a dos tratados de lógica de Aristóteles, por haver mais cópias e pelo fato de essas cópias estarem mais próximas do palco.

Homero. Homero escreveu *A ilíada* por volta de 800 a.C. A cópia mais antiga é de cerca de 250 d.C., ou seja, é também de 1.050 anos depois. Homero escreveu séculos antes de Aristóteles e de César, mas 650 manuscritos de *A ilíada*, em parte ou na totalidade, foram preservados. Por essa razão todos os 650 são colocados entre as fileiras 10 e 11. O índice de autenticidade de *A ilíada* de Homero, então, destronaria a história de Júlio César em mais de setenta vezes.

Novo Testamento. A avassaladora maioria dos historiadores aceita como autênticos os três documentos que acabei de mencionar. Mas que posição o Novo Testamento ocupa em relação a eles no Auditório da Autenticidade?

Lá pelo ano 90 d.C., cerca de sessenta anos depois de Cristo ter vivido na terra, todos os 27 livros do Novo Testamento já estavam escritos. O mais antigo manuscrito parcial ocupa lugar *antes ainda* da primeira fileira. Trata-se de um pequeno fragmento de João 18, que acontece de ser idêntico ao que se acha em nossas versões modernas da Bíblia, exceto pelo fato de ter sido escrito em grego. Na segunda fileira do Auditório, temos o Evangelho de Lucas na íntegra, além da totalidade do Evangelho de João, além ainda de três outros livros do Novo Testamento também em sua totalidade: 1Pedro, 2Pedro e Judas. Na terceira fileira, temos dois manuscritos completos de todo o Novo Testamento. Na nona fileira, ainda um século antes de qualquer dos outros documentos antigos que mencionei começarem a surgir, temos 5 mil manuscritos. Nona fileira, 5 mil cópias![26]

Sir Frederic Kenyon, paleontólogo e presidente da Academia Britânica de 1917 a 1921, escreveu: "O intervalo entre as datas da composição original e os mais antigos manuscritos torna-se tão pequeno que é, aliás, insignificante, e assim se elimina o último alicerce para a dúvida quanto às Escrituras terem chegado até nós substancialmente como foram escritas".[27]

Pergunta número 3: As variantes dos manuscritos

A terceira questão propõe a seguinte pergunta: "Em que medida as cópias variam umas das outras?". Se esses documentos, em seu conteúdo, divergem muito entre si, não significa quase nada ter 5 mil cópias de uma idade próxima à do original. Em contrapartida, quanto maior for a harmonia entre as cópias, mais podemos ficar seguros de que o original foi transmitido com precisão ao longo da história.

Nisso, o Novo Testamento é particularmente impressionante. Os bibliólogos

Norman Geisler e William Nix estudaram as variantes dos manuscritos e concluíram: "Assim, o Novo Testamento não apenas sobreviveu em mais manuscritos que qualquer outro livro da Antiguidade [fato relacionado à questão número 2], mas sobreviveu de forma mais pura [questão número 3] que qualquer outro livro importante — uma pureza de 99,5%".[28]

Utilizando o mesmo teste das três perguntas que usamos para outros escritos da Antiguidade, nenhum outro documento se compara ao Novo Testamento no quesito autenticidade. É por isso que podemos estar seguros de que o Novo Testamento que temos hoje é uma representação fiel dos escritos originais.

A BÍBLIA É VERDADEIRA?

Só porque o Novo Testamento é autêntico, não significa necessariamente que seja verdadeiro. Os historiadores avaliam a veracidade de um documento testando sua credibilidade. Assim como existem três questões básicas para testar a autenticidade, há também três questões que nos permitem testar a credibilidade:

1. Qual é o grau de credibilidade do testemunho oral?
2. Qual é o grau de credibilidade do testemunho escrito dos autores?
3. Qual é o grau de credibilidade das evidências complementares?

No Novo Testamento, temos *testemunhos orais* de pessoas que foram *citadas* nos vários livros da Bíblia, sem terem elas mesmas efetuado o registro dos relatos. Jesus é o maior exemplo disso.

Temos também os *testemunhos escritos* de Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, Pedro, Tiago, Judas e do autor de Hebreus.

Perguntas 1 e 2: O testemunho

As pessoas que dão testemunho — oral ou escrito — são chamadas testemunhas. E os historiadores concordam com o fato de que a testemunha ocular é, de longe, o melhor tipo de testemunha.

Testemunhas oculares dos acontecimentos relatados nos Evangelhos. Quando Lucas se pôs a escrever seu evangelho, começou da seguinte maneira:

> Visto que muitos têm empreendido uma narração coordenada dos fatos que se realizaram entre nós, *transmitidos pelos que desde o princípio foram suas testemunhas oculares e ministros da palavra*, pareceu adequado também a mim, excelentíssimo Teófilo, depois de investigar tudo cuidadosamente desde o começo, escrever-te uma narrativa em ordem.[29]

Como você pode ver, Lucas deixou perfeitamente claro que tudo o que escreveria proviria de fontes que eram testemunhas oculares.

No caso do apóstolo Pedro, até mesmo esse grau de distinção é eliminado. Ele não apenas entrevistou e citou testemunhas oculares; ele mesmo era uma testemunha ocular. Assim ele escreveu em seu relato: "Porque não seguimos fábulas engenhosas quando vos fizemos conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, pois fomos testemunhas oculares da sua majestade".[30] Pedro foi outro autor que também esteve lá em pessoa.

De todas as testemunhas oculares da vida de Jesus Cristo, o apóstolo João talvez tenha sido a que teve mais intimidade com ele. João fez questão de deixar claro que seu testemunho era de primeira mão, quando escreveu o seguinte:

> O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam, a respeito do Verbo da vida (pois a vida foi manifestada, nós a vimos, damos testemunho dela e vos anunciamos a vida eterna que estava com o Pai e a nós foi manifestada). Sim, o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos...[31]

Em muitos casos hoje em dia, são aceitos como fato histórico os testemunhos de segunda, de terceira e até mesmo de quarta mão. Mas aqui, no caso do Novo Testamento, temos relatos de testemunhas oculares (testemunho tanto oral quanto escrito) de fontes múltiplas e altamente pessoais, fornecidos nos próprios documentos. Tudo isso garante um nível impressionantemente alto de credibilidade. E as provas só ficam melhores a partir desse ponto.

Testemunhas oculares que viveram na mesma época umas das outras. Sempre e em todo lugar que os apóstolos pregavam, eles se dirigiam a pessoas que tinham vivido no momento e no lugar em que Jesus vivera, ensinara e realizara milagres. Por exemplo, no primeiro sermão de Pedro, ele diz: "Homens israelitas, escutai estas palavras: Jesus, o Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com milagres, feitos extraordinários e sinais, que Deus realizou *entre vós* por meio dele, *como bem sabeis*...".[32] Mais tarde, Paulo aparece dando uma resposta a um rei e, basicamente, diz o seguinte: "Não creio que algo disso lhe seja desconhecido; porque essas coisas não aconteceram em algum canto, às

escondidas".[33]

Essa questão de termos testemunhas que viveram naquela época é realmente importante. Considere o fato de que John F. Kennedy foi assassinado em 1963. Agora, suponhamos que eu estivesse tão fissurado por Kennedy que me considerasse seu discípulo e quisesse iniciar uma seita em minha cidade em torno da pessoa dele. E suponhamos que eu soubesse que teria de exagerar e mentir para conferir à seita o impulso necessário, mas usasse a desculpa sempre bem-vinda de que os fins justificam os meios. Eu começaria pregando:

— O presidente Kennedy foi um grande homem, mas foi muito mais que isso. Quando esteve aqui em Hudson, por ocasião de sua campanha eleitoral, saiu de seu carro, curou muitos cegos e doentes e, em seguida, dirigindo-se a um dos velórios da cidade, ressuscitou algumas pessoas dentre os mortos!

Alguém diria:

— Espere um minuto! Eu estava lá nesse dia, e nada disso aconteceu!

Eu desconsideraria o arroubo e diria:

— E mais uma coisa: na tarde seguinte, Kennedy pegou um McLanche Feliz e alimentou toda a cidade com ele.

E outra pessoa diria:

— Seu maluco! Eu estava em Hudson no dia seguinte, e ele não fez nada do tipo!

Talvez fosse nesse momento que eu desistiria do meu plano de iniciar a seita Kennedy.

Como os apóstolos contaram suas histórias sobre Jesus a pessoas que estavam vivas na época e no local em que Jesus viveu, o testemunho deles é da mais elevada credibilidade. Porque, se suas histórias tivessem sido inventadas, um dia a verdade viria à tona.

Pergunta 3: Evidências complementares

Outra forma de avaliar a credibilidade de uma testemunha é descobrir se "o resto da história" confere. A isso damos o nome de evidências complementares.

Suponhamos que eu tenha testemunhado um crime no estacionamento de um cinema. No banco das testemunhas, abririam o interrogatório da seguinte forma:

— Sr. Coffey, diga-nos o que aconteceu na noite de 23 de abril.

Eu diria:

— Bem, eu estava saindo do cinema. Tinha ido à sessão das 9h30 para

assistir *Procurando Nemo*. Depois passei na loja do Burger King que fica dentro do cinema e comprei meu Whopper Duplo com Queijo, porque é o que sempre compro quando vou assistir a um filme. Saí e depois presenciei o ocorrido.

Um bom advogado de defesa investigaria a fundo para saber ao certo se todas as partes da minha história conferem. E se descobrisse que no dia 23 de abril a sessão das 9h30 não exibiu *Procurando Nemo*? E se no cinema não existisse nenhuma loja do Burger King? As evidências complementares não seriam corroboradas, e eu ficaria desacreditado como testemunha.

Durante anos, os críticos da Bíblia tentaram encontrar contradições nas evidências complementares da Escritura. Concentraram-se sobretudo em Lucas, uma vez que Lucas escreveu na condição de historiador. No Evangelho de Lucas e no Livro de Atos, ele cita todos os tipos de pessoas e lugares passíveis de verificação. Os historiadores se aproveitaram dessas declarações e por algum tempo pensaram que poderiam provar ou que Lucas estaria mentindo, ou que o apóstolo simplesmente não era o autor de Lucas e de Atos.

Por exemplo, Lucas 3.1,2 diz que a Palavra de Deus veio a João Batista quando Lisânias era tetrarca de Abilene. Durante anos, os críticos disseram: "Viram só? Sabemos que Lisânias morreu trinta anos antes de João Batista nascer — e isso é fato inquestionável. Logo, Lucas mentiu a esse respeito, e isso o põe em descrédito como testemunha". No entanto, acabou-se descobrindo uma inscrição datada entre os anos 14 e 29 d.C. que dizia: "Lisânias, tetrarca de Abilene" — exatamente a mesma época em que, segundo Lucas, Lisânias tinha sido tetrarca de Abilene. Mas os críticos continuaram dizendo: "Ah, mas deve ter havido dois Lisânias. Lamento ter de informar".[34]

Os escritos de Lucas fazem referência ao total de 32 países, 54 cidades e 9 ilhas. Um arqueólogo descobriu que essas referências acabaram se mostrando 100% precisas.[35] Hoje, os críticos já não têm como apoiar suas alegações de que Lucas não escreveu o Evangelho de Lucas e o Livro de Atos. As evidências complementares de autenticidade nos escritos de Lucas são simplesmente arrasadoras.

Revisitando as testemunhas oculares: motivações ocultas

Voltemos ao meu exemplo sobre o presidente Kennedy. Imagine que eu tenha me mantido fiel à minha história, apesar do fato de todo tipo de pessoa ser capaz de testemunhar que aquilo que eu estava dizendo sobre a visita de Kennedy a Hudson não passava de balela. Continuei pregando sobre os milagres de

Kennedy (dos quais afirmei ser testemunha ocular) porque queria *mesmo* que as pessoas se unissem a mim. Já vimos quão improvável seria que qualquer pessoa desse ouvidos, mas acompanhe aqui o meu raciocínio... porque não podemos desprezar o fato de que às vezes as pessoas mentem.

Quando se sabe que uma testemunha pode ter algo a ganhar quando afirma uma coisa em vez de outra, a credibilidade dessa testemunha torna-se suspeita. Assim como quando, em um importante julgamento criminal, a acusação faz uma negociação de confissão com uma testemunha-chave: a testemunha é provavelmente um criminoso que teve sua pena reduzida ou que foi absolvido em troca de seu testemunho contra o réu. Não é óbvio que uma oferta como essa tem grande potencial de levar a testemunha a mentir ou pelo menos passar a ter uma memória seletiva?

Isso certamente pode acontecer. Então, o que dizer das testemunhas dos acontecimentos da vida de Jesus? Será que eram exatamente como eu no exemplo Kennedy, pessoas que espalharam fábulas em troca de fama? Recentemente ouvi alguém dizer: "Claro, os discípulos inventaram as histórias para ficar ricos e famosos". Essa pessoa não poderia estar mais equivocada.

Jesus tinha doze discípulos. Judas se enforcou depois de ter traído Jesus; com isso, sobraram onze. A história registra que, dos onze discípulos originais, dez morreram violentamente, o que poderiam ter evitado se simplesmente tivessem dito: "Tudo bem, nada disso é verdade. Jesus não ressuscitou dentre os mortos. Nós inventamos tudo".

Sempre pensei que, se dez pessoas estivessem insistindo na mesma mentira e você me colocasse em uma sala com elas e me desse poderes absolutos, eu poderia descobrir a verdade. Provavelmente eu só teria de matar uma delas. Eu entraria na sala e gritaria: "Escutem só, o que eu quero é a verdade". Bummm! Eu atiraria em Patrick, e Patrick cairia ao chão. Depois apontaria a arma para a próxima vítima e diria: "A verdade!". Acha mesmo que *você ainda insistiria* em mentir a essa altura? Mas, se a próxima pessoa insistisse em agir dessa maneira, eu a mataria. E simplesmente percorreria a fila até encontrar alguém que chegasse à conclusão de que não valia a pena morrer por aquela mentira.

Foi basicamente o que aconteceu a dez dos discípulos. Mas, depois de dois mil anos, não se descobriu nem uma sombra de prova que mostrasse que qualquer um deles alguma vez tenha sequer vacilado. Cada um caminhou para a morte dizendo: "É a verdade, é a mais pura verdade".

Morrer por uma mentira não é nada comum. Dez testemunhas morrerem pela mesma mentira é algo que simplesmente desafia todas as forças em

contrário.

Simon Greenleaf, um dos fundadores da Escola de Direito de Harvard, propôs-se refutar o cristianismo. Ele empreendeu um extenso estudo sobre a credibilidade das testemunhas do evangelho e das evidências tanto a favor da ressurreição quanto contra ela, tudo de uma perspectiva forense. E acabou concluindo o seguinte: "Permita que o testemunho dos Evangelhos seja peneirado, como se fosse proferido em um tribunal de justiça em defesa da parte adversária, submetendo a testemunha a um rigoroso interrogatório. O resultado, disso não se tem absolutamente nenhuma dúvida, será uma indubitável convicção de sua integridade, suficiência e verdade".

VERDADE, NÃO LENDA

Portanto, temos o teste do auditório da autenticidade. Temos o teste das variantes dos manuscritos. Podemos examinar o testemunho oral e escrito, bem como a evidência complementar encontrada nos livros do Novo Testamento. Também podemos avaliar com que probabilidade as testemunhas por trás desses documentos originais estariam ou não mentindo. E, no cômputo geral, a evidência é esmagadora. Os livros do Novo Testamento, apresentando uma personagem central conhecida como Jesus de Nazaré, são confirmados como muito mais autênticos e muito mais confiáveis que quaisquer outros documentos antigos.

É assim que sabemos que não há nenhum "efeito Paul Bunyan" no que se refere às histórias da Bíblia sobre a vida de Jesus.

E O QUE DIZER DO ANTIGO TESTAMENTO?

Poderíamos percorrer os mesmos passos para o Antigo Testamento e chegar às mesmas conclusões. Mas vou guardar essa questão para outro livro. Por enquanto, examine este argumento. *Se* podemos com segurança pressupor que o Novo Testamento é a Palavra de Deus, então o Antigo também se qualifica como tal. Por quê? Porque os interlocutores e escritores do Novo Testamento testemunham de forma unânime que o Antigo Testamento é a Palavra de Deus.

Quando Jesus disse "Nem só de pão o homem viverá, mas de toda palavra que sai da boca de Deus",[36] não estava apenas citando o Antigo Testamento.[37] Estava dando a entender que ele era a Palavra de Deus. E, ao repreender os fariseus por exaltarem a importância de suas tradições, Jesus claramente chamou o Antigo Testamento de "palavra de Deus".[38] Além disso, se o tempo e o

espaço permitissem, eu poderia mostrar-lhe em que pontos todos os outros interlocutores e autores do Novo Testamento concordam unanimemente.

Portanto, temos o Novo Testamento testemunhando do Antigo. E, por sua vez — fato que permite que a Bíblia seja tão harmonicamente coligida em um único livro —, o Antigo Testamento prediz acontecimentos registrados no Novo!

O testemunho da profecia

Se a Bíblia é a Palavra de Deus, era de esperar que cada uma de suas previsões sobre o futuro se tornasse realidade com absoluta precisão. Você sabia que a Bíblia é o *único* texto sagrado dentre as principais religiões que traz profecias detalhadas?[39] Nossa Bíblia tem centenas de profecias. Ao se aventurar a fazer essas previsões, a Bíblia põe em risco sua credibilidade, porque, se uma única delas falhar, isso comprovaria que a Bíblia não é a Palavra de Deus.

As profecias da Bíblia cobrem dezenas de temas diferentes. Mas, para os nossos objetivos aqui, vou me concentrar nas profecias do Antigo Testamento relacionadas à vinda do Messias, ou seja, ao Jesus do Novo Testamento. Há pelo menos sessenta profecias do Antigo Testamento citadas no Novo como tendo sido cumpridas por Jesus.[40] Tratar dessas profecias e de seu cumprimento é suficiente para preencher as páginas de um livro inteiro; por isso, vou mencionar apenas dezesseis das mais conhecidas. Para os iniciantes, aqui vão seis profecias escritas no mínimo 450 anos antes de Jesus nascer:

- A mãe de Jesus seria uma virgem.[41]
- Jesus seria da descendência de Abraão.[42]
- Ele seria descendente de Isaque.[43]
- Seria da tribo de Judá.[44]
- Seria da casa de Davi.[45]
- Seu local de nascimento seria Belém, uma pequena aldeia.[46]

Você pode se imaginar tentando prever onde seu eneaneto nasceria — não apenas o estado ou mesmo o país, mas exatamente a cidade também? Recém-nascidos não podem controlar sua ascendência ou local de nascimento. No entanto, o nascimento de Jesus cumpriu todas essas seis profecias altamente específicas.

O Antigo Testamento também previu que o Messias faria milagres[47] e purificaria o templo.[48] Previu que seria rejeitado e ridicularizado por seu próprio povo[49] e ficaria em silêncio diante de seus acusadores.[50] Previu que suas mãos e seus pés seriam perfurados[51] e que as pessoas lançariam sortes sobre sua roupa,[52] que ele seria crucificado ao lado de ladrões[53] e intercederia por seus perseguidores.[54] Previu que seu lado seria perfurado[55] e que ele seria enterrado no túmulo de um homem rico.[56] São dezesseis profecias, cada uma perfeitamente cumprida.

Peter Stoner é um matemático que estudou as probabilidades de as profecias se tornarem realidade. Ele calculou a probabilidade de apenas oito profecias se tornarem realidade por mero acaso na vida de qualquer pessoa. E a chance é uma em cem milhões de bilhões de possibilidades.[57] Aí está um número grande demais para quebrarmos a cabeça; então ele usou uma ilustração para nos ajudar a colocá-lo em perspectiva. Basicamente funciona assim.

Tome o estado do Texas (estamos falando de 432.623 quilômetros quadrados) e preencha-o com moedas de um dólar até atingir a altura de 1 metro do chão. Em seguida, tome um dólar, marque-o com um "x" vermelho, atire-o com um potente canhão para o meio do estado e mexa todas as moedas com uma colher gigante, do tamanho do estado. Em seguida, escolha um sujeito em uma multidão, vende os olhos dele, gire-o e peça que caminhe até onde ele acha que está esse dólar específico. (Dê-lhe umas raquetes de neve para que possa andar sobre os dólares.) Depois peça que cave os dólares o mais fundo que puder e escolha apenas um deles, tentando acertar aquele marcado com um "x" vermelho. Quais são as chances de ele encontrá-lo? Uma em cem milhões de bilhões.

Além disso, essa é a probabilidade de apenas oito profecias serem cumpridas, não as dezesseis que acabamos de examinar. Mas o fato é que Jesus cumpriu *pelo menos sessenta* profecias bíblicas. O que isso lhe diz sobre as probabilidades de a Bíblia realmente ser a Palavra de Deus?

TESTEMUNHO PESSOAL: EVIDÊNCIAS INTERNAS

Eis enfim a última razão por que acredito que a Bíblia é verdadeira. É a prova que encontro dentro de mim mesmo. Deixe-me explicar. A Bíblia me mostrou como eu poderia ter paz com Deus. Ela me disse: "Joe, se você confessar com sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo".[58] Em 1979, decidi tentar isso, funcionou, e nunca mais fui

o mesmo. Tudo o que testei na Bíblia desde esse dia acabou comprovando-se como verdade, a começar pela transformação de minha própria vida.

Com o passar dos anos, presenciei em primeira mão como a Bíblia transformou centenas e mesmo milhares de pessoas — exatamente como ela promete fazer, se de fato depositarmos nossa fé em Jesus Cristo e a seguirmos como a Palavra de Deus.

* * *

Até agora cobrimos algumas evidências convincentes que nos levam a crer na existência de Deus e a aceitar a Bíblia como Palavra de Deus. Ainda assim, muitos que um dia creram acabaram por rejeitar a fé ao se deparar com a dor, o sofrimento e a presença do mal no mundo. São pessoas que se perguntam: "Como Deus pode existir, se permitiu que isso acontecesse? Como a Bíblia pode ser a verdade, se promete vida abundante, mas aconteceu isso comigo?". No próximo capítulo, vamos abordar esses tipos de obstáculos à fé.

Quatro

A QUESTÃO DO MAL E DO SOFRIMENTO

A existência do mal e do sofrimento representa uma pedra de tropeço já tradicional para a fé cristã — às vezes quase no mesmo grau para cristãos e não cristãos. A realidade universal do mal e do sofrimento levanta duas categorias de questionamento: a de cunho filosófico/intelectual (as questões da mente) e a de fundo emocional (as questões do coração). Dificilmente encontraremos alguém que tenha problemas puramente intelectuais com o cristianismo. As crises produzidas pelo mal e pelo sofrimento quase sempre dizem respeito tanto à mente quanto ao coração.

O salmista escreveu: "Deus falou isto uma vez, duas vezes eu ouvi: que o poder pertence a Deus. Senhor, a ti também pertence a fidelidade...".[59] Esses dois fatos sobre Deus são fáceis de digerir... até que algo realmente ruim aconteça. Nesse momento, em que a dúvida e a indignação se instauram, exigimos então algumas respostas.

Este é um livro sobre apologética, sobre a defesa da fé cristã. O objetivo é prepará-lo para que você possa falar de forma mais eficaz sobre o cristianismo a pessoas descrentes. Mas, como todos sofrem, talvez a melhor maneira de preparar você seja ajudando-o a compreender melhor o sofrimento. Quando suas próprias perguntas sobre o mal e o sofrimento estiverem mais bem resolvidas em sua alma, você terá mais condições de falar sobre essas coisas às pessoas.

O SOFRIMENTO PODE COEXISTIR COM A PESSOA DE DEUS?

Quando presenciamos o sofrimento ou quando nós mesmos sofremos, a tendência tanto no caso de cristãos quanto de não cristãos é que o coração e a mente se foquem na mesma pergunta: "Por quê? Por que acontecem coisas tão terríveis, tão pavorosas, assim?". A partir disso, a inclinação natural do ser humano é pensar mais ou menos desta forma:

- Se o Deus da Bíblia é *amoroso*, por que *permite* o mal e o sofrimento?
- Se o Deus da Bíblia é *poderoso*, por que não *impede* o mal e o sofrimento?
- No entanto, o mal e o sofrimento estão por toda parte; então parece que:

> ou o Deus da Bíblia não existe,
> ou o Deus da Bíblia é amoroso, mas não poderoso,
> ou o Deus da Bíblia é poderoso, mas não amoroso.

Meu irmão mais novo, John, morreu em um acidente de moto. Ele colidiu de frente com um caminhão. Tinha vinte anos. Foi um acontecimento totalmente sem sentido para mim. Eu disse: "Deus, amo meu irmão e, se *eu* pudesse, teria impedido que isso acontecesse. Mas agora ele está morto. Então quero saber: o que aconteceu é que simplesmente te faltou o "desejo" de intervir? Ou então, mesmo que tivesses desejado, o que aconteceu foi que simplesmente não tinhas o poder de intervir? É por isso que meu irmão caçula está morto?".

Minha cabeça girava, confusa, mas meu coração gritava de dor. Tanto minha mente quanto meu coração exigiam uma resposta à mesma pergunta: "Por quê?".

UM HOMEM QUE SOFREU DE VERDADE

Há um livro inteiro da Bíblia dedicado a responder à questão do mal e do sofrimento. Estamos falando do livro de Jó. Deus descreveu Jó como "um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se desvia do mal".[60] No entanto, uma série de catástrofes privou Jó de todas as suas posses — de simplesmente tudo! E depois ele ainda perde todos os seus filhos! Em seguida, é afligido "da cabeça aos pés" com uma doença terrível.

A esposa de Jó então oferece seu conselho: "Amaldiçoa a Deus e morre".[61] Legal, hein? Mas Jó se recusa e literalmente acaba em um monte de cinzas. Tudo isso, somos informados, está nas mãos de Satanás. Nesse ínterim, Deus está plenamente consciente e permite todas essas coisas. Nos primeiros 37 capítulos, Jó pergunta "por quê?" em dezenas de maneiras diferentes. Mas, em todo o livro de Jó, Deus nunca lhe dá uma resposta.

Jó tinha alguns amigos que, no afã de defender Deus, tentaram dar-lhe

algumas respostas. No final do livro, Deus fica realmente zangado com os amigos de Jó. No fundo, o que Deus diz a Jó é o seguinte: "É melhor você orar por seus amigos! Eles realmente me irritaram ao tentarem lhe apresentar razões para tudo isso. Mas, no processo, tudo o que fizeram foi banalizar sua dor".[62]

Tenha muito cuidado quando você fala com alguém que esteja sofrendo de fato. As pessoas que estão experimentando dor e perda profundas muitas vezes estão indignadas com Deus. Não seja como os amigos de Jó. Não tente defender Deus tentando responder aos "por quês?". Essa abordagem provavelmente sairá pela culatra. Lembre-se de que é o coração que dói, e, quando a dor é grande, a razão só consegue falar à mente, mas não consegue nem mesmo chegar ao coração. Então, tenha muito cuidado com o que você diz.

AS TRADICIONAIS TEORIAS SOBRE O SOFRIMENTO

Os teólogos postularam três teorias para tentar explicar como Deus pode ser ao mesmo tempo amoroso e poderoso e ainda assim acontecerem coisas ruins. Cada teoria oferece respostas razoáveis para a mente, embora nenhuma delas seja perfeita.

A teoria da punição

Deus criou o mundo sem dor nem sofrimento, mas Adão se rebelou contra Deus, e consequentemente toda a raça humana ficou sob a maldição de Deus. Há dor e sofrimento no mundo porque estamos sendo punidos por nos termos rebelado contra Deus. No âmbito individual, a punição é agravada em consequência de nossa própria marca de rebelião. Trocada em miúdos, essa é a teoria da punição.

O problema dessa teoria está na distribuição do sofrimento. Todos somos rebeldes, não é mesmo? Mas alguns de nós já passaram por muito mais sofrimento que outros. Isso não parece justo. Especialmente quando uma pessoa relativamente boa sofre ou uma pessoa relativamente má fica tranquilamente impune. Em casos como esses, a teoria da punição não consegue fornecer respostas satisfatórias.

A teoria do livre-arbítrio

Essa teoria afirma que, para o amor existir, você precisa ter liberdade. Se eu não for livre para escolher odiar e fazer o mal, minhas escolhas no sentido de amar e fazer o bem não significam nada — eu seria um robô, e os robôs não podem

amar. Então, é preciso permitir que o mal, a dor e o sofrimento existam para que o amor e a bondade sejam legítimos. É assim que um Deus ao mesmo tempo amoroso e poderoso pode permitir que a maldade exista no mundo que ele criou.

Aqui está um exemplo de como o livre-arbítrio e o potencial para a dor estão relacionados.

Ensinei cada um de meus três filhos, do mesmo jeito, a andar de bicicleta. Com cada um deles, eu tirava as rodinhas e mandava que a criança vestisse um moletom bem grosso. Saíamos para a rua, e eu pedia que subisse na bicicleta. Eu agarrava a parte de trás do moletom e dizia: "Comece a pedalar!".

Eu segurava firme, correndo ao lado da criança, corrigindo-a cada vez que perdia o equilíbrio. Enquanto eu segurava, meus filhos não sentiam nenhuma dor e se divertiam muito.

No entanto, cada um de meus filhos em algum momento se virava para mim e dizia a mesma coisa: "Pode largar! Pode largar!". É o grito do coração humano. Liberdade. "Deixa comigo!" Então eu deixava. E, quando eu largava o moletom, sabia que, mais cedo ou mais tarde, aquela criança experimentaria a dor. A culpa era minha? Sim e não. Meus filhos precisavam de liberdade e a queriam, mas com a liberdade vinha o potencial real da dor.

Aqui está o problema com a teoria do livre-arbítrio. Se Deus é tanto amoroso quanto poderoso, o livre-arbítrio deve ser algo importante, mas não deve ser a coisa *mais* importante.

Por exemplo, se eu visse meu filho mais novo pedalando no meio do trânsito, não sentaria e pensaria: "Isso não vai dar certo, mas não quero violar o livre-arbítrio dele". De maneira nenhuma! Eu correria e o arrancaria da bicicleta, e, quando ele percebesse o que poderia ter acontecido, me agradeceria por violar seu livre-arbítrio. Mas não consegui dizer isso a Deus quando meu irmãozinho morreu. O que eu disse foi: "Deus, por que não violaste o livre-arbítrio de John, permitindo-lhe que vivesse?".

Aqui está outro problema com a teoria do livre-arbítrio: a distribuição. Assim como no caso da teoria da punição, ela não explica por que algumas pessoas passam por muito mais sofrimento que outras.

A teoria da lei natural

A terceira teoria diz que as leis foram criadas para reger todas as coisas no Universo. Essas leis são necessárias para que o Universo funcione corretamente. De acordo com essa teoria da lei natural, alguns tipos de ação sempre têm as

mesmas consequências. Então, se você conhece as leis, pode prever as repercussões de quebrá-las.

Quando eu era criança, machucava-me todo o tempo. Na grande maioria dos casos, minha dor era causada por uma lei natural. Eu caía de árvores. Eu batia em objetos sólidos. Tenho mais de sessenta pontos apenas do pescoço para cima, não mais que cinco de cada vez. Massa mais velocidade é igual a impacto. As leis da física não se curvam a ninguém... nem a um menino.

As leis morais estão também entrelaçadas no tecido do Universo. Uma adolescente entrou em meu escritório certa vez. Ela se envolvera sexualmente com alguém e engravidara. Olhou para mim com os olhos vermelhos de tanto chorar e perguntou com toda a sinceridade: "Como Deus pôde fazer isso comigo?". Ela havia violado uma lei moral, e aquela era uma consequência previsível.

Fazemos escolhas erradas e nos machucamos quando violamos a lei natural. Mas *nem todo* o nosso sofrimento é resultado de nossas escolhas. No mês passado, realizei o funeral de uma amiga que morreu de câncer de pulmão, embora ela nunca tenha fumado um único cigarro em toda a sua vida. Todos conhecemos histórias assim. Portanto, a teoria da lei natural não consegue fornecer explicações satisfatórias para todos os tipos de sofrimento.

SOFRIMENTO: RESPOSTAS PARA A MENTE

Se as teorias da punição, do livre-arbítrio e da lei natural não podem oferecer uma explicação abrangente e racional para a existência do mal e do sofrimento, o que poderia?

Deixe-me resumir a lógica subjacente à boa parte (provavelmente à maior parte) da incredulidade relacionada com a mente: "Não vejo uma única boa razão para o que aconteceu, e, como não consigo ver uma razão, não existe uma razão". Esse tipo de arrogância pode nos cegar, impedindo-nos de enxergar a verdade. Deixe-me usar uma ilustração para explicar o que quero dizer.

Quando meu filho tinha dois anos, ele caiu e cortou a pálpebra, precisando levar pontos (o moleque começou bem nessa questão de levar pontos, o que também me deixou um pouco preocupado no começo, mas ele está crescido agora e acabou superando isso; eu é que acabei ganhando dele no número de pontos). Levei-o para a sala de emergência, e eles o colocaram em algo que a enfermeira chamou de "bolsa canguru", como aquelas para carregar bebês. Mas era na verdade uma camisa de força amarrada nos braços e nas pernas para ele

não conseguir se mover. Segurei-lhe a cabeça, porque ele não entendia o que se passava. Eu estava tentando acalmá-lo. Fiquei dizendo: "Jeremy, vai ficar tudo bem. Filho, tudo bem, tudo bem". Mas, quando a agulha do médico entrou na ferida aberta e a perfurou, Jeremy olhou para mim, os olhos me acusando do pior tipo de traição. Ele gritou a plenos pulmões: "*Não está* bem!". Ele não podia conceber nenhuma boa razão para eu permitir que se sujeitasse à dor insuportável que experimentava naquele momento.

Considere escopo e escala

Minha primeira resposta para a mente é simplesmente essa. Se existe um Deus grande o suficiente para você ficar indignado com ele por permitir o mal, a dor e o sofrimento, então esse Deus é grande o suficiente para ter motivos que você e eu nem podemos começar a entender.

Vamos voltar a quando meu irmão caçula morreu e eu exigi uma resposta ao meu "por quê?". O que aconteceria se Deus tivesse descido e dito: "Joe, você queria saber a resposta, então decidi escrevê-la. Aqui está. Mas preciso avisar que é um pouco complicada. Eu uso muita matemática avançada. Há várias dimensões que você não sabe que existem, e há pessoas que vou mencionar que ainda nem sequer nasceram. Mas você exigiu que eu respondesse a seu questionamento; então aqui vai"?

O que eu faria? Eu pegaria a resposta, a examinaria e por fim jogaria as mãos para o alto, dizendo: "Ainda estou sem meu irmão, ainda sofro, e o fato de Deus responder ao meu questionamento ainda não resolve *em nada* o meu problema". Talvez foi por isso que Deus nunca respondeu aos questionamentos de Jó. Ou aos meus. Ou aos seus.

Falando por meio do profeta Isaías, Deus expressa essa verdade da seguinte maneira: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos [...] Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, os meus caminhos são mais altos que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos".[63] Essas palavras têm por objetivo eliminar nossa arrogância e nos estender braços grandes e amorosos onde podemos confiantemente descansar nossa mente.

Considere nossa resposta diante do mal

E as pessoas que não acreditam em Deus por causa de toda a dor e sofrimento no mundo? Elas veem novos relatórios de violência e injustiça e balançam a cabeça,

dizendo: “Viu só? Isso é absolutamente horrível! Só pode haver uma resposta: não existe Deus nenhum”. Mas essa resposta não resolve a questão do mal e do sofrimento. Deixe-me explicar.

Se Deus não criou os seres humanos, a teoria da evolução informa que surgimos por meio de um processo de seleção natural — o que quer dizer que certas criaturas mais adaptadas a seu ambiente são mais propensas a sobreviver e a se reproduzir. Neste mundo, não há nenhum “bem” e nenhum “mal”. A única coisa que importa é saber se ou quanto você consegue se reproduzir antes de morrer.

Isso significa que, se Deus não nos criou, não podemos logicamente falar do ponto de vista de bem *versus* mal. Por quê? Pela mesma razão básica pela qual, a menos que a luz exista, não faz sentido falar de escuridão. Não podemos definir o mal sem um bem que se ponha em contraposição a ele. E isso significa que deve haver alguma realidade externa e objetiva pela qual o bem e o mal possam ser mensurados. A Bíblia identifica essa realidade externa e objetiva como Deus. A Bíblia diz que Deus é santo, que Deus é amor, que Deus é misericordioso, paciente e bondoso. Tudo o que é diferente de Deus e se opõe a ele é mau.

Assim, quando uma mulher afoga seus quatro filhos sistematicamente, um após o outro, ficamos horrorizados. As mães não podem fazer uma coisa dessa. Todos sabemos que esse ato é profundamente mau. Por mais confusa ou mentalmente instável que a mulher estivesse, o que ela fez foi mau. Reagimos de maneira semelhante às atrocidades do racismo, da escravidão, da opressão, da separação de classes, do genocídio e do tráfico de crianças. Sabemos que são coisas más.

Mas como sabemos? Por que pessoas de todas as culturas ao longo da história sabem que algumas coisas são boas e outras más? Se simplesmente evoluímos pela seleção natural, essas categorias têm pouco ou nenhum sentido. Mas, se fomos criados por um Deus santo e bom, elas fazem todo o sentido.

A pessoa que vê o mal no mundo e conclui que não há Deus entendeu tudo errado. A existência do mal não nos informa que não há Deus. Antes, nossa capacidade de reconhecer o mal nos informa justamente que *há* um Deus.

Assim, quando alguém diz que viu males tão chocantes a ponto de precisar concluir que Deus não existe, essa pessoa ainda não lidou com o problema subjacente — a existência do mal. A resposta intelectualmente coerente é admitir, por mais irônico que pareça, que, como o mal existe, Deus precisa também existir.

SOFRIMENTO: RESPOSTAS PARA O CORAÇÃO

Passemos agora da mente para o coração. Se você está experimentando dor e passou por sofrimentos, o que *de fato* o ajuda? Quando meu irmãozinho morreu, lembro-me de ter perguntado a Deus "por quê?" vez após vez. Se você já passou por algum tipo de dor, sabe que não tem como escapar de se perguntar "por quê?". Você fica obcecado com a pergunta. Mas fazer essa pergunta raramente o ajuda a se sentir melhor.

O que *de fato* ajudou quando meu irmão mais novo morreu foi quando alguém que tinha passado pelo sofrimento vinha e sentava comigo. Eu estava envolvido na igreja, de modo que vinham muitas pessoas; mas eu não confiava em ninguém que não tivesse passado por uma dor de verdade. Eu tinha uma afinidade especial com as pessoas que também tinham perdido um irmão. E ainda tenho.

As pessoas que mais significavam para mim eram as que simplesmente sentavam e choravam comigo. Se você já passou pela dor, entende o que quero dizer. Elas choravam comigo e diziam: "Vou ficar ao seu lado e passar por isso com você". Essa era a única coisa que ajudava.

O Deus que está conosco em nossa dor

Você sabia que o cristianismo é a única religião do mundo que tem um Deus que sofre? Nenhuma outra religião nem de longe sugere que o Deus do Universo tenha se colocado alguma vez na posição de sofrimento. Mas, no cristianismo, o mal e o sofrimento são problemas tão grandes para nós que passaram a ser um problema para Deus também. Deus lidou com o problema entrando pessoalmente no âmbito do mal e do sofrimento. É por isso que o Filho de Deus veio ao mundo.

Dezoito meses depois de meu irmão mais novo morrer, quando eu ainda estava furioso com Deus, um versículo da Bíblia me desarmou. É o menor versículo da Bíblia, que diz: "Jesus chorou".[64] De repente, o profundo significado dessas duas palavras e sua aplicação para a minha vida tornaram-se claros. O Deus do Universo senta ao meu lado e sente minha dor. E ele chora.

Deus raramente responderá a seu "por quê?", se é que responderá. Em vez disso, ele se aproxima e sussurra: "Vou chorar com você, e não só vou chorar com você, mas sei o que significa experimentar todo tipo de mal inimaginável e de dor excruciante". Quando Deus enviou seu Filho ao mundo, Jesus não usou uma varinha mágica para fazer o mal e o sofrimento desaparecerem. Em vez

disso, entrou na dor, no sofrimento e no mal de nosso mundo e, em seguida, com um amor inimaginável, foi para a cruz a fim de lidar com o mal que existe dentro de você e de mim.

O Deus que redime nosso sofrimento

Jesus é o "Autor e Consumador da nossa fé, o qual, por causa da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz".[65] Uma tradução desse versículo usa "Pioneiro" em vez de "Autor". Gosto de pensar em Jesus como o Pioneiro que abriu o caminho do mal para a alegria. Ele se oferece para entrar em nossa dor e percorrer a trilha que ele abriu. Ele enxuga nossas lágrimas, aponta o caminho adiante de nós e sussurra: "Em alguma altura desse caminho, você descobrirá que seu sofrimento foi redimido, e experimentará a presença do amor de Deus que fará toda uma vida de sofrimento parecer como uma única noite maldormida em um hotel".

Minha segunda viagem missionária foi muito, muito difícil. Tinha 25 anos de idade e estava conduzindo a viagem com meu irmão mais velho, Brian. A certa altura, nossa equipe já estava sem comida e água fazia um bom tempo. Estávamos doentes, com disenteria, e exaustos e congelando de frio, viajando pela parte mais fria das montanhas ao sul da Bolívia, em uma viagem de trem de uma noite inteira. Havíamos partido de uma cidade chamada Uyuni com destino a outra de nome Wanuni, e pensei: "Será que é muito diferente?". Hospedamo-nos em albergues durante toda a viagem. Nem sequer tínhamos *encontrado* um hotel. Os albergues dispunham de um único banheiro em cada andar e raramente contavam com água corrente. Quando a ofereciam, não tinha água *quente*. Não havia aquecimento nesses lugares, nem boa comida. Foi horrível. Essas cidades eram terríveis em todos os sentidos, e aqui estávamos nós, viajando a noite toda de Uyuni para Wanuni.

Lembro-me dessa viagem de trem como se fosse ontem. Eu tinha vestido toda a roupa que tirara da mala e, ainda assim, estava tremendo de frio. Quando entrei no modo "crepúsculo", entre a vigília e o sono, ouvi uma pessoa começando a choramingar e escutei com atenção por um instante, até perceber que a pessoa que chorava era... eu! Foi lamentável. Fiquei ali sentado, muito mal.

Quando chegamos a Wanuni, meu irmão e eu mandamos a equipe à nossa frente antes de entrar no último táxi e pegar a estrada. Ao fazer a última curva, lá estava: cinco andares de altura, com grandes letreiros iluminados em que se lia "Hotel Terminal".

Brian e eu entramos, e ele cheirava como... um hotel! Depois fomos para nossos quartos e descobrimos que cada um tinha seu próprio banheiro! Abri a cortina do box, e havia dois registros, *dois registros*! Abri o registro da água quente, e saiu água quente de verdade do chuveiro.

Todos tomamos banho quente, vestimos roupas limpas e fomos para o restaurante do hotel. Todos pedimos bife e ovos. Sentamos à volta da mesa e rimos até as lágrimas rolarem pelo rosto! Mas por que estávamos rindo?

Não estávamos rindo porque era um hotel maravilhoso. Você não entra num hotel da rede Four Seasons e começa a dar gargalhadas, não é? Não estávamos rindo porque alguém contara uma nova piada. *Estávamos rindo porque a dor da noite anterior estava sendo redimida.*

Estávamos rindo e nos fartando com bife e ovos; então alguém virou-se para mim e disse: "Joe? Era você que estava chorando na noite passada no trem?". Respondi: "Eu estava mal! Cara, estava congelando!". Todos sentimos frio. E todos sentimos fome. Mas não estávamos mais com frio e fome.

Nossas lágrimas de dor tinham se transformado em lágrimas de alegria — *nossas lágrimas haviam sido redimidas*.

O cristianismo é a única religião no mundo que tem um Deus que sofrerá *por você* e depois entrará no meio de sua dor e se sentará *a seu lado*. E chorará.

Ele é o único Deus que abriu caminho da cruz para a alegria, de modo que suas lágrimas aqui na terra um dia se transformarão, no céu, em lágrimas de alegria. Um dia vou sentar com meu irmão mais novo, John, e riremos até que as lágrimas rolem em nosso rosto. Mas não riremos porque o céu é maravilhoso. Vamos rir porque nossas lágrimas aqui foram finalmente redimidas.

O Deus do cristianismo é singular. E, não se engane, o cristianismo corretamente compreendido e aplicado é a única religião que oferece respostas profundas e satisfatórias para o problema do mal e do sofrimento, *tanto* para a mente *quanto* para o coração.

* * *

É verdade que existem muitas religiões no mundo. Será que todas elas não têm seu mérito? Será que são todas essencialmente a mesma coisa? Abordaremos essas questões a seguir.

Cinco

AS RELIGIÕES NÃO SÃO TODAS IGUAIS?

Jesus disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém chega ao Pai, a não ser por mim".[66] O caráter exclusivo dessa afirmação de Jesus não poderia ser mais claro! Jesus afirmou ser *o* caminho, *a* verdade, *a* vida. Alegou ser *o único* caminho para Deus Pai.

É em razão dessas afirmações que os críticos meneiam a cabeça e dizem: "É isso que odeio no cristianismo! Vocês, cristãos, se acham os únicos certos e consideram que todos os outros estão errados!". Esses críticos foram influenciados por uma crença que está presente na corrente sanguínea da cultura. Essa crença age como um anticorpo — torna as pessoas praticamente imunes, incapazes de reconhecer *até mesmo que é possível* uma religião ser verdadeira e outra, falsa. O nome que a teologia dá a essa crença é "pluralismo religioso".

Quando você começa a falar sobre Jesus às pessoas que foram contaminadas pelo pluralismo religioso, talvez elas respondam da seguinte forma: "Ah, mas é o seguinte: eu acredito que todas as religiões são basicamente a mesma coisa". O objetivo dessa declaração é encerrar de vez qualquer conversa sobre o fato de Jesus ser quem ele dizia ser. Os pluralistas religiosos são muitas vezes bem polidos, mas por dentro talvez estejam vociferando: "Leve sua mensagem insultante e exclusivista para longe daqui e não me faça perder mais tempo!". E, se o pluralismo religioso for verdadeiro, essas pessoas estão certas, ou seja, as reivindicações dos cristãos fiéis à Bíblia são de fato arrogantes, insultuosas e cruéis.

Mas também não podemos culpar inteiramente os pluralistas religiosos por seus temores. O exclusivismo cometeu coisas terríveis no mundo. A exclusividade pode facilmente resultar em um grupo de pessoas que se sentem superiores, que olham com desdém para os demais. Esse tipo de atitude é culturalmente repulsiva *e também* perigosa. Pense no caso de Adolf Hitler e do Terceiro Reich. O racismo é outro exemplo clássico. O racismo já causou danos terríveis em todo o mundo e em nossa nação. Um número incontável de famílias e indivíduos foi irreversivelmente marcado por ele.

Que ironia: as pessoas podem rejeitar a beleza e a maravilha do evangelho simplesmente porque não podem aceitar a possibilidade de que algo bom também possa ser exclusivo!

COMO PAULO ENTENDIA O PLURALISMO RELIGIOSO

Então, como o pluralismo religioso, essa rejeição da exclusividade, tornou-se tão popular? Nos Estados Unidos, bem como em muitas outras partes do mundo, basta examinar seu próprio bairro para encontrar uma das razões principais: o aumento da imigração e a consequente diversidade cultural. Essa tendência produziu dinâmicas sociais muito interessantes e em vários sentidos tornou mais desafiadora qualquer conversa sobre Jesus.

Suponhamos que uma família vinda da Índia se mude para a casa ao lado da sua. A princípio, você nem sabe muito bem o que encontrará. Logo, porém, descobre que são pessoas maravilhosas, vizinhos fantásticos. Você pensa: "Será que estou mesmo pronto para lhes dizer que o hinduísmo está errado e que é o cristianismo que está certo?". Quando seus filhos forem para a universidade, encontrarão todo tipo de pessoas. Talvez voltem para casa dizendo: "Agora tenho amigos de todas as partes do mundo. Você precisa saber que alguns dos meus amigos não cristãos são pessoas melhores que alguns dos meus amigos cristãos".

Nada disso, no entanto, é de fato novidade. O evangelho tem se chocado contra o pluralismo religioso há dois mil anos. Em Atos 17, Lucas relata a visita do apóstolo Paulo a Atenas, que na época era a capital da diversidade religiosa do mundo. Atenas era o lar de epicureus, estoicos, pagãos, judeus e gregos todo tipo de gente, com todo tipo de crença. E era uma cidade cheia de ídolos religiosos. Tudo era aceitável quando se tratava de religião. Para os atenienses multiculturais, a tolerância religiosa desenfreada era uma virtude.

Ainda assim, Paulo não percorreu as ruas de Atenas e concluiu: "Bem, parece-me que todos estão bem firmes em suas crenças por aqui, e alguns aparentam ser pessoas muito boas; então vou simplesmente seguir meu caminho". Tampouco ele disse: "Meu, que gente difícil, essa! Se eu começar a dizer a eles que Jesus é o único caminho para Deus, o negócio vai ficar feio por aqui". Em vez disso, ele ficou muito perturbado com o fato de que o povo não conhecia a verdade sobre a salvação por meio de Jesus Cristo. Então ele se aproximou deles com respeito e, em seguida, trouxe-lhes a única verdade sobre a boa-nova exclusiva.

Até certo ponto, a exclusividade sempre será um divisor de águas. Ela impõe

uma situação em que algumas pessoas estão "dentro" e o restante está "fora". Essa é uma das principais razões por que uma conversa sobre cristianismo *versus* outras religiões pode ser algo tão delicado: pode se transformar em nós *versus* eles, superior *versus* inferior, os de dentro *versus* os de fora. Se você já participou de "discussões" com membros da família, amigos ou vizinhos sobre o assunto, sabe que não é difícil a situação ficar emocionalmente tensa.

- Você pode falar de Jesus com uma pessoa que diga: "Eu acredito que todas as religiões ensinam as pessoas a ser boas; só que cada religião tem uma maneira ligeiramente diferente de fazer isso. O cristianismo oferece um processo para tornar as pessoas boas. Mas o mesmo acontece com o budismo, com o hinduísmo... São várias as possibilidades".
- Você pode falar de Jesus com outras pessoas que digam: "Espere um pouco! Você está me dizendo que somente os cristãos vão para o céu? E que todas as outras pessoas do mundo vão para o inferno? Como eu não creio em Jesus, estou indo para o inferno? É isso que está dizendo?". Você talvez pense: "Puxa, *é isso* que estou dizendo?".
- Você pode ouvir outros ainda dizerem: "Sabe de uma coisa? Você não deveria impor suas crenças às pessoas. A coisa que eu não gosto em vocês, cristãos nascidos de novo, é que estão sempre tentando converter os outros. Simplesmente guarde tudo isso para você".

Aí estão situações realmente difíceis. A exclusividade nunca teve muito sucesso em uma sociedade marcada pela diversidade, seja nos Estados Unidos do século 21, seja na Atenas do primeiro século. Paulo passou muito tempo ou se recuperando de espancamentos, ou sentado em prisões por não querer deixar de pregar o caráter exclusivo do cristianismo. Como quase todos os apóstolos, acabou sendo executado por pregar essa exclusividade.

Jesus deixou muito claro que o evangelho jamais será uma mensagem aceita universalmente.[67] Ainda assim, é a mensagem que devemos transmitir. Porque, se é verdade o que Jesus disse a seu respeito na Bíblia, então a mensagem dele é a mais importante que a humanidade jamais poderia ouvir.

Então, o que devemos fazer?

No capítulo 4, eu disse que é raro alguém ter reservas puramente intelectuais em relação ao cristianismo. Essas reservas quase sempre envolvem *tanto* a mente

quanto o coração. Isso também se aplica quando tratamos das questões ligadas ao pluralismo e à exclusividade. A solução se volta primeiro para a mente e depois para o coração.

EXCLUSIVIDADE: RESPOSTAS PARA A MENTE

A posição fundamental do pluralismo religioso é que todas as religiões levam a Deus. No entanto, se você puder agir com cortesia, bondade e respeito, poderá ajudar os pluralistas religiosos a começarem a ver um problema fundamental nessa afirmação. Eu o chamo "a Casa em Chamas".

Muitos caminhos para o céu: a casa em chamas

A Bíblia diz que Deus abriu *um só* caminho ao enviar seu Filho para sofrer uma morte dolorosa na cruz. O grau de dor que Jesus sofreu ultrapassa a imaginação em todos os níveis — físico, emocional e espiritual. Mas ele aceitou passar por isso para abrir um caminho — o único caminho —, para que pecadores pudessem ser salvos, encontrassem o caminho de volta para Deus e desfrutassem dele no céu para todo o sempre. Com isso em mente, aqui vai uma ilustração que mostrará por que não há nenhum sentido para que Deus fizesse isso *caso* houvesse muitos caminhos para a salvação.

Suponhamos que minha casa esteja em chamas e cheia de pessoas com quem me importo grandemente. Meu filho, Jeremy, é bem grande. Suponhamos que Jeremy corresse até mim, gritando:

— Papai! A casa está pegando fogo! Vou me lançar contra a porta em chamas para derrubá-la e assim permitir que as pessoas possam sair!

Eu diria:

— Se você fizer isso, cairá bem em cima das chamas!

Mas ele diz:

— Sim, eu sei, mas é o único jeito.

Eu poderia me imaginar talvez dizendo:

— Vá!

E o filho a quem eu amo, meu único filho, correria e derrubaria a porta em chamas, sofrendo uma morte excruciante. No entanto, todas as pessoas que estavam na casa seriam salvas. Esse sacrifício faria algum sentido.

Mas suponhamos que alguém dissesse: "Existem dezenas de maneiras de sair da casa, e algumas delas são realmente muito fáceis. Tudo o que você precisa fazer é andar e estará fora da casa". Digamos que haja 48 maneiras diferentes de

deixar a casa. Nesse caso, nenhum pai, de modo algum, enviaria seu único filho para sofrer uma morte atroz só para possibilitar a 49ª maneira de deixar a casa. Isso não faz *nenhum* sentido! Por isso não há nenhum sentido em você dizer que acredita que o cristianismo seja apenas um dos muitos caminhos.

Todas as reivindicações são alegações de verdade: o "paradoxo pluralista"

Aqui está outro argumento importante que pode ajudar os pluralistas religiosos caso você os aborde da maneira certa. Eles precisam ver que todas as reivindicações de verdade são a descrição de uma pessoa (ou de um grupo de pessoas que pensam parecido) daquilo que é real — daquilo que é a realidade.

Esse ponto depende da declaração fundamental segundo a qual *cada reivindicação de verdade é exclusiva por natureza*. Em outras palavras, sempre que duas reivindicações de verdade entram em conflito, uma está certa e a outra, errada. As duas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Reivindicações de verdade contraditórias são mutuamente excludentes.

Se você disser que a Terra é redonda, e eu disser que ela é plana, nós dois fizemos alegações exclusivas de verdade — as duas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Uma asserção deve estar certa, e a outra deve estar errada. Suponhamos que eu me aproxime de um casal, olhe para a esposa e pergunte:

— Você está grávida? (Jamais recomendaria que alguém fizesse isso.)

Ela diz:

— Sim.

Mas no mesmo momento o marido diz:

— Não.

As afirmações de verdade dos dois são a descrição da realidade de cada um, e as duas não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo.

Esse mesmo princípio aplica-se ao pluralismo religioso, quando alguém diz que há apenas um caminho e outra pessoa diz que há muitos caminhos. *Essas duas* alegações são reivindicações de verdade. *Essas duas* alegações são *exclusivas*. E apenas uma delas é verdadeira; a outra deve ser falsa.

O pluralista que afirma "O cristianismo me incomoda porque, para os cristãos, o caminho deles é o único certo" não percebe que, ao fazer essa afirmação, também entrou em uma arena exclusiva: se ele estiver certo, todos os que pensam que só há um caminho devem estar errados. Os adversários da exclusividade passam a ser vítimas de seu próprio argumento. A isso dou o nome

de “Paradoxo Pluralista”.

Todas as reivindicações são reivindicações de verdade: “Ninguém tem como saber”

Se você encontrar um pluralista realmente bom e experiente, ele dirá algo assim: “Ninguém pode saber se seu caminho é o certo. Você não tem como saber, e eu não tenho como saber. Ninguém pode saber ao certo”. No cristianismo, porém, cremos que Deus se revelou, e é somente pela autorrevelação de Deus que conhecemos a verdade:

> No passado, por meio dos profetas, Deus falou aos pais muitas vezes e de muitas maneiras; nestes últimos dias, porém, *ele nos falou pelo Filho*, a quem designou herdeiro de todas as coisas e por meio de quem também fez o universo. *Ele é o resplendor da sua glória e a representação exata do seu Ser...* [68]

Essa é uma reivindicação de verdade, e é exclusiva por natureza. Os cristãos creem que Deus se revelou em Jesus Cristo, o Homem-Deus. Mas, quando o pluralista diz “Ninguém pode saber se seu caminho é certo ou errado”, ele *também* está fazendo uma reivindicação de verdade: “Deus não é alguém que, por sua natureza, revele coisas. Ninguém tem como saber. Estou certo disso, e você está errado”. Acontece que essa reivindicação de verdade é também *exclusiva por natureza*.

Toda vez que você ouvir alguém incomodado pelo fato de as alegações do cristianismo serem exclusivas, pergunte o que *essa pessoa* pensa ser verdade. E reconheça que tudo o que sai da boca dessa pessoa é igualmente exclusivo. Toda reivindicação de verdade é exclusiva por natureza. Ponto final. Mesmo a afirmação de que “ninguém tem como saber”.

EXCLUSIVIDADE: RESPOSTAS PARA O CORAÇÃO

Uma conversa respeitosa que utilize algum tipo de ilustração, como a da “casa em chamas”, ou uma discussão sobre o “paradoxo pluralista” muitas vezes pode ganhar a atenção mesmo de um pluralista religioso comprometido. Mas preciso adverti-lo de antemão. Vencer os argumentos da “mente” não ganhará ninguém para Cristo. O anticorpo cultural sobre o qual falei passa pela mente e se instala no fundo do coração. Ele produz um caldo tóxico de temores:

- O medo da autoimagem: ter de reconhecer que por toda a vida você esteve fundamentalmente errado sobre as questões mais importantes da existência.
- O medo da reputação: o potencial de ser visto pelos outros como alguém que se uniu a um grupo descaradamente exclusivo e se tornou assim uma espécie de fundamentalista parcialmente insano.
- O medo do desconhecido: não saber o que a fé em Cristo implica para o estilo de vida e o futuro de alguém.

Por essas e outras razões, é vital que proporcionemos meios para o coração superar o medo.

O amor vence o medo

Já fiz alusão ao que vou dizer agora, mas o melhor antídoto para os temores naturais do pluralista religioso é deixar o evangelho penetrar em *você* tão fundo a ponto de produzir humildade, não arrogância. O apóstolo Pedro expressa assim essa verdade: "... reverenciai a Cristo como Senhor no coração. Estai sempre preparados para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós. Mas fazei isso com mansidão e temor...".[69]

Conheci muitos pluralistas mais espertos que eu; a apologética não é uma batalha de inteligências. Conheci muitos pluralistas cuja moral é melhor que a minha; não é uma questão de dizer quem é a "pessoa mais íntegra". Qualquer tipo de confronto dessa natureza é uma interação em que não pode haver ganhadores. Se eu me importo com as pessoas, independente de quem sejam, devo ser humilde, gentil e respeitoso ao falar com elas. Não apenas convém que eu seja assim; mas é imprescindível.

Lembre-se de que, no cristianismo, não sou "aceito" porque sou particularmente bom. Sou "aceito" porque sou particularmente mau — e porque particularmente preciso de um Salvador. Tenho o dilema do pecado e preciso de um remédio para isso, o qual encontro apenas na única Pessoa qualificada e competente o suficiente para ser meu Salvador. O apóstolo Paulo, o homem que foi talvez o maior apologista de todos os tempos, sempre manteve isso em mente. Ele escreveu: "Esta palavra é fiel e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal".[70]

Se Paulo prega o evangelho como o principal dos pecadores, que

implicações isso tem para você e para mim? Nisso tenho Paulo como exemplo. Quando um pluralista argumenta que todas as pessoas boas vão para o céu, minha resposta é sempre a seguinte:

— Tudo bem, mas e quanto a nós, as pessoas más? Você diz que as pessoas boas vão para o céu — bons hindus, bons budistas, bons cristãos. E o que dizer daqueles de nós que são maus?

Então eles dizem:

— Bem, você não é mau; você é um ministro!

E eu digo:

— Você não conhece o meu coração!

Aprendi isso da pior maneira possível — se eu não abordar os descrentes com a atitude de um pecador indigno e salvo puramente pela graça, simplesmente adiciono combustível aos temores deles. O coração nunca será penetrado com as boas-novas com base somente nos meus esforços.

Cinco palavras fundamentais

Toda religião traz consigo um sistema de salvação — uma maneira de sair de onde você está para o lugar aonde precisa chegar, seja o nirvana, a autorrealização ou o céu. O sistema cristão de salvação funciona com base em cinco palavras fundamentais, e, dessas cinco, quatro aparecem em quase todas as religiões. Uma boa maneira de abordar os pluralistas de mente aberta, mas de coração temeroso, é discutir essas quatro palavras e destacar as diferenças, se houver, entre as definições fornecidas pelo cristianismo e aquelas de outras religiões. A quinta palavra *somente* aparece no cristianismo, e ela faz toda a diferença.

1. Pecado. Quase toda religião diz que algo está errado com os seres humanos. Algo bem lá no fundo de nós está dilacerado — tão fragmentado que todas as pessoas em todas as culturas sentem que não são o que devem ser, como se não vivessem à altura do padrão esperado. Fazem coisas que as levam a sentir-se culpadas e envergonhadas. O cristianismo não é exceção. Ele afirma: "todos pecaram".[71]

2. Justiça. Quase toda religião acredita que o mundo está em péssimo estado de equilíbrio. Quando alguém faz algo de errado, o mundo fica em desequilíbrio, e algo precisa ser feito para que ele recupere a ordem. No hinduísmo, isso se

chama carma. O carma é um gigantesco sistema de justiça: tudo o que vai também volta. Toda ação tem uma reação igual e oposta. No cristianismo, acreditamos que Deus é santo, reto e inteiramente justo. E o mundo é governado pelo sistema supremo de justiça de Deus — todos os erros serão corrigidos, seja no tempo, seja na eternidade.

3. Amor. É nesse ponto que o cristianismo começa a brilhar e a se distinguir das outras religiões. Toda religião fala de amor, mas o cristianismo fala de um tipo diferente de amor. O cristianismo fala de um Deus que o ama *enquanto você está ainda em total desordem*. A essência de Romanos 5.8 é que, embora tenhamos sido (e ainda sejamos) pecadores complicados, Deus nos invade com seu amor. Ele não diz "Conserte-se primeiro, e, quando for bom o suficiente, eu o receberei". Em vez disso, ele diz: "Eu o amo — venha como está". Inacreditável! Nenhuma outra religião fala de Deus nos amando dessa maneira.

4. Sacrifício. Toda religião fala de sacrifício, mas todas as outras religiões falam sobre o sacrifício que *você* deve fazer para apaziguar Deus. Somente o cristianismo fala do sacrifício que *Deus* fez para reconciliá-lo com ele. Essa é uma enorme distinção. O apóstolo Pedro escreveu: "Porque também Cristo morreu uma única vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus...".[72]

5. Graça. Nenhuma outra religião fala sobre graça. Isso é algo exclusivo do cristianismo. A graça é o ponto culminante de todas as quatro palavras anteriores. A graça acontece porque Deus o amou tanto (e isso quando você ainda era uma complicação só) que fez um sacrifício profundo o bastante para apaziguar o próprio senso *que ele mesmo tem* de perfeita justiça, permitindo-se, assim, perdoar o pecado que você cometeu e comete. Ele oferece tudo isso a você em forma de graça — como um presente que você simplesmente não pode conquistar nem merecer. "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se orgulhe".[73]

Os cristãos que corretamente compreendem e aplicam o sistema cristão de salvação nunca vão se sentir superiores em relação aos que seguem outras religiões, ou mesmo em relação a ateus declarados. Por quê? Porque não somos salvos nem unidos a Deus por nenhuma bondade ou mérito inerente a nós — somos salvos ainda que sejamos *maus*, porque Deus é gracioso. E isso faz toda a

diferença do mundo. Em nosso sistema, somos salvos pela graça. Isso significa que, quando olho para o meu próximo hindu, é possível admitir que ele é uma pessoa melhor do que eu, mesmo que eu me aproxime dele com as boas-novas.

Essa abordagem — a verdadeira atitude cristã da Bíblia — pode dissipar até a raiz os temores do pluralista.

Até onde você consegue nadar?

Aqui está outra forma de dizer a mesma coisa — outra maneira de penetrar o coração das pessoas. Suponhamos que uma pessoa pudesse chegar ao céu atravessando o oceano Atlântico a nado de Nova York a Lisboa. Temos aí uma distância de quase 5 mil quilômetros. Vamos fazer de conta que o nível de bondade de uma pessoa determine a distância que ela consegue nadar.

Jesus disse que, para chegar a Deus por si mesmo, você tem de ser perfeito. Assim, em nossa analogia, você teria de nadar toda a distância — todos os quase 5 mil quilômetros. Ele disse: "Sede, pois, perfeitos, assim como perfeito é o vosso Pai celestial".[74]

Vamos começar por Madre Teresa, uma pessoa que fez coisas incrivelmente boas. Mas Madre Teresa incluiu a si mesma quando disse: "Jesus morreu na cruz porque foi isso que precisou fazer para o *nosso* bem — para salvar-nos de nosso egoísmo e pecado".[75] Então, por sua própria admissão, Madre Teresa também está aquém em nossa analogia. Nem mesmo ela conseguiria nadar os quase 5 mil quilômetros.

Digamos que eu seja um péssimo nadador e nade por volta de 90 metros antes de começar a me afogar, precisando de um salvador. Você entende o que quero dizer... Ninguém chega a Lisboa nadando todos os quase 5 mil quilômetros. Ninguém. E ninguém chega a Deus por "bondade" própria.

Todos precisamos de um Salvador.

Se a distância entre a santa perfeição de Deus e nossa pecaminosidade fossem meros 5 mil quilômetros, seria uma coisa. Talvez algum dia alguém pudesse nadar até ele. Mas a distância entre nós e a santidade de Deus é mais semelhante à extensão de uma galáxia. Nossa necessidade de um Salvador é desesperadora. E, nesse sentido, somos todos simplesmente iguais. Todos ficamos aquém do ideal.

É por isso que o cristianismo é a única religião em que posso olhar para o meu próximo e dizer: "Sabe de uma coisa? Você é muito melhor que eu. Mas, caro amigo, quero que você saiba que você não vai conseguir! Você não vai

conseguir percorrer todo o caminho até Deus por suas próprias forças. Mas tenho boas notícias. Há um Salvador que o ama tanto que, enquanto você ainda está a ponto de se afogar, ele já fez um sacrifício tão grande por você que apaziguou seu senso de justiça. Ele se oferece para perdoar seu pecado. E ele se oferece a você por meio da graça".

A questão é a seguinte: o cristianismo, com toda sua *exclusividade*, é a religião mais *inclusiva* que o mundo já conheceu. Nenhuma outra religião do mundo é assim. Por meio do sacrifício de Jesus, o cristianismo fala da graça aos bons *e* aos maus, aos que podem nadar mais de 300 quilômetros e aos que não conseguem mais que 90 metros e até mesmo para os que não sabem nadar.

Todos precisam de um Salvador, e o cristianismo oferece esse Salvador a todos nós.

UMA PALAVRA FINAL SOBRE COMO AJUDAR O PLURALISTA

Quando você estiver conversando com um pluralista, não se afaste simplesmente, com medo das atitudes, das acusações, da arrogância, ou desprezo. Deixe que seu amor vá além de tudo isso. Como cristãos, nós *de fato* temos uma verdade exclusiva e universal. Mas isso *jamais* deve fazer com que nos sintamos superiores. Jamais pode nos encher de orgulho. Em vez disso, deve capacitar-nos para amar as pessoas de outras culturas e de outras religiões como ninguém jamais as amou.

Lembre-se: todas as reivindicações de verdade são exclusivas por natureza; então, a reivindicação dessas pessoas também é. Vocês estão quites nesse ponto. Em seguida, compare os sistemas de salvação dos "muitos caminhos" e destaque a razão por que não há nada como o cristianismo.

O mundo nunca viu um sistema de crenças tão glorioso ou tão maravilhoso assim.

* * *

Suponhamos que Deus o capacite a ajudar alguém a superar suas objeções pluralistas. Uma importante pergunta ainda permanece. Como essa pessoa pode ter certeza de que as reivindicações de Jesus são verdadeiras? Vamos tratar dessa questão no último capítulo.

Seis

JESUS EXISTIU DE VERDADE?

Quase todos que já estudaram a pessoa de Jesus vão concordar com uma coisa: ele é uma personagem impressionante. Há mais de dois mil anos, ele nasceu em uma família pobre, em uma vila pouco conhecida, em um dos menores países do mundo. Cresceu aprendendo o ofício de carpinteiro e nunca se afastou de sua terra natal mais que uns 160 quilômetros. Jamais escreveu um livro. Viveu apenas até os 33 anos de idade, e só nos três últimos anos de sua vida ganhou algum reconhecimento público. Mas as pessoas de todas as partes do mundo ainda se lembram dele, maravilham-se com suas palavras e seus atos e fixam o calendário ocidental com base na data de seu nascimento.

Quando perguntaram ao romancista e historiador H. G. Wells: "Quem foi a maior pessoa da história?", ele respondeu: "Sou historiador, não sou crente, mas devo confessar, como historiador, que esse pregador pobre de Nazaré é indiscutivelmente o próprio centro da história. Jesus Cristo é tranquilamente a figura mais dominante de toda a história".[76] Outro historiador, Kenneth Scott Latourette, escreveu: "À medida que passam os séculos, cresce a evidência de que, se calcularmos por seu impacto na história, Jesus é a pessoa mais influente que já viveu neste planeta".[77]

A VIDA MAIS INFLUENTE DA HISTÓRIA

Considere as muitas e variadas maneiras como nosso mundo foi moldado pelo exemplo ou pelos ensinamentos de Jesus.

Instituições pautadas pela compaixão. Jesus ensinou que devemos ter compaixão pelos desvalidos, pelos marginalizados e pelos pobres. Então, por todo o mundo você encontrará orfanatos, centros de combate à fome e albergues para desabrigados fundados e administrados por seguidores de Jesus.

Jesus também curou doentes e enfermos. Assim, por todo o mundo você encontrará hospitais fundados e administrados por seguidores de Jesus — pessoas que tentam fazer o que Jesus fez, cuidando dos que sofrem.

Responsabilidade pessoal. Os primeiros seguidores de Jesus rejeitaram a preguiça e ressaltaram a santidade do trabalho e a necessidade de trabalhar "de coração, como se fizésseis ao Senhor".[78] Essa ética do trabalho impulsionou radicalmente as economias de todas as nações influenciadas pelo cristianismo.

Negócios. Os ensinamentos de Jesus moldaram as bases do que veio a ser a ética padrão nos negócios do Ocidente (ainda que às vezes praticada imperfeitamente). E, mesmo hoje, mais e mais empresas se beneficiam da aplicação da "Regra de Ouro" à forma como tratam funcionários e clientes.

Reforma social. As iniciativas que deram origem às primeiras leis que regiam o trabalho infantil foram encabeçadas por seguidores de Jesus. O fim da escravidão no Império Britânico deveu-se em grande parte aos esforços de William Wilberforce, que reagiu à injustiça daquela época com base em sua compreensão do verdadeiro cristianismo. Essa reforma pelo Império Britânico por sua vez conduziu ao movimento nas Américas para pôr fim à escravatura. [79]

Ciência. Muitos dos maiores cientistas do mundo foram seguidores de Jesus: Galileu, Kepler, Copérnico, Roger Bacon, Blaise Pascal e Isaac Newton, para citar apenas alguns. O trabalho deles foi alimentado pela crença de que, uma vez que Deus estabelecera um conjunto ordenado de leis físicas pelas quais a criação opera, então é possível aprender fatos verdadeiros e valiosos sobre essas leis.

Arte. Nos últimos dois mil anos ou mais, ninguém influenciou a arte mais do que Jesus. De Michelangelo, Da Vinci e Rembrandt a Dante, Rafael e Milton, passando por Bach, Handel e Beethoven, a lista é quase infinita.

A ALEGAÇÃO ULTRAJANTE DE JESUS

Em quase todos os sentidos, Jesus é diferente dos líderes de todas as outras religiões importantes. Seu estilo de vida foi completamente diferente do deles. Por exemplo, não teve onde morar nos anos de seu ministério público e na maioria das vezes associou-se a pessoas de classes mais baixas e não ligadas à religião. Mas o que mais flagrantemente diferencia Jesus de todos os demais

líderes religiosos é o fato de que ele afirmou ser Deus.

- Gandhi, Buda, Confúcio e Maomé disseram que, se você os seguisse, eles lhe mostrariam o caminho para Deus. Mas Jesus simplesmente disse: "Eu sou o caminho".[80]
- Outros líderes religiosos disseram basicamente o seguinte: "Siga-me, e eu lhe mostrarei a verdade". Mas Jesus disse: "Eu sou [...] a verdade".[81]
- Outros líderes religiosos disseram: "Siga-me, e eu lhe mostrarei Deus". Mas Jesus disse: "Eu e o Pai somos um" e "Quem vê a mim, vê o Pai".[82]

Uma vez ou outra, encontro alguém que diz: "Bem, não acho que Jesus afirmou ser Deus — *seus discípulos* é que alegaram que ele era Deus". Isso simplesmente não é verdade. Jesus foi absolutamente claro a esse respeito. Aliás, foi o fato de se declarar Deus que o levou à morte. Ele foi crucificado não porque cometeu um crime, mas porque fez uma declaração a respeito de si mesmo: a afirmação de que era igual a Deus.[83] Jesus declarou sem nenhum pudor: "Se, de fato, me conhecêsseis, também conheceríeis meu Pai".[84] Ele afirmou que enxergá-lo era o mesmo que ver Deus, crer nele era crer em Deus, odiá-lo era odiar Deus, honrá-lo era honrar a Deus e amá-lo era amar a Deus.

No capítulo 20 do Evangelho de João, Tomé, um dos doze discípulos, cai de joelhos e adora a Jesus, e Jesus recebe essa adoração e nos leva a crer que ela foi absolutamente apropriada. Além disso, Jesus muitas vezes perdoou os pecados das pessoas. Como o pecado é algo cometido contra Deus, ninguém está autorizado a perdoar pecados senão o próprio Deus, mas Jesus disse que tem autoridade para tanto.[85]

Como se a divindade de Cristo já não fosse difícil demais para as pessoas digerirem, Jesus levou essas afirmações a um nível ainda mais elevado. Ele alegou absoluta exclusividade. Em João 14.6, Jesus disse: "... ninguém chega ao Pai, a não ser por mim". Ninguém significa ninguém. Jesus alegou ser o *único* caminho para Deus e para o céu.

Essas declarações parecem tão ultrajantes que precisamos nos perguntar: "Jesus existiu de verdade?". Líderes religiosos que desejam ser adorados podem se declarar divinos, mas, se não puderem comprovar suas alegações, são desmascarados como impostores. Se Jesus é uma farsa, ele pode ser desconsiderado sem nenhum risco. Se Jesus, no entanto, é Deus, seria

recomendável que urgentemente nos agarrássemos a cada uma de suas palavras.

UM BOM MESTRE APENAS? NÃO, ISSO NÃO É UMA OPÇÃO!

É comum nestes dias ouvirmos as pessoas dizerem: "Creio que Jesus foi um bom mestre que ensinava verdades morais. Só não chego ao cúmulo de acreditar que ele era Deus ou o Filho de Deus". Mas Jesus não nos dá essa opção quando afirma *ser* Deus. Ele não pode ser, de um lado, um bom mestre da moral e, de outro, um descarado mentiroso a respeito de sua identidade.[86] Essas duas coisas são mutuamente excludentes.

Ninguém diria que líderes de seitas que afirmaram ser Deus eram grandes mestres da moral. Uma pessoa que afirma ser Deus só pode ser uma destas três coisas: um mentiroso megalomaníaco, um lunático delirante ou... exatamente quem afirma ser.[87] Não há outras opções. Jesus nunca quis dar às pessoas a opção de vê-lo apenas como um grande mestre dos princípios morais.

Isso nos leva à seguinte pergunta: "Alguém pode provar que Jesus foi quem ele alegou ser?". Que provas temos de que Jesus existiu de verdade? Vou examinar aqui cinco categorias de provas.

Prova número 1: O sapatinho de cristal

A maior parte dos meus leitores conhece a história. A madrasta e as meias-irmãs trancafiaram Cinderela, mas sua fada madrinha lhe concedeu uma noite fora de casa. Assim, Cinderela foi ao baile e dançou a noite toda. Ao soar meia-noite, ela foge, deixando apenas um sapatinho de cristal e um príncipe com o coração partido. Ele olha para o sapatinho e pensa: "Ah, se eu pudesse encontrar o pé que se encaixa perfeitamente neste sapato! Assim saberia que a encontrei: meu único e verdadeiro amor, minha princesa". Uma linda história.

Os profetas do Antigo Testamento criaram uma espécie de sapatinho de cristal com sessenta ou mais profecias sobre a vinda do Messias. Se qualquer pessoa cumprisse todas elas, então esse era o Messias. Tratamos disso no capítulo 3. De acordo com os matemáticos, a probabilidade de alguém se encaixar por acidente na forma desse "sapatinho de cristal" em particular é incrivelmente, absurdamente pequena.[88]

Jesus existiu de verdade? Ele é o único que se encaixa no "sapatinho de cristal" dos profetas — e isso, por si só, deve servir de prova mais que suficiente.

Prova número 2: Os milagres de Jesus

Jesus disse: “Se não faço as obras de meu Pai, não creiais em mim. Mas se as faço, mesmo não crendo em mim, crede nas obras, para que venhais a entender e saber que o Pai está em mim e eu no Pai”.[89] No fundo, o que ele está dizendo é o seguinte: “Vejam o que eu faço e vocês crerão, porque só Deus pode fazer o que eu faço”.

Jesus desafiou as leis da física e demonstrou autoridade absoluta sobre o mundo natural. Transformou a água em vinho, andou sobre as águas, acalmou uma tempestade com duas palavras, deu vista aos cegos, curou leprosos, ressuscitou mortos e em mais de uma ocasião alimentou milhares com alguns pães e peixes.

Muitas pessoas recusam-se a crer nos milagres de Jesus, dizendo que os apóstolos se reuniram e criaram uma conspiração de mentiras. Mas você sabia que houve historiadores seculares da época de Jesus que também escreveram sobre seus milagres? Por exemplo, um historiador judeu chamado Josefo identificou Jesus como alguém que “fazia milagres e operava maravilhas”.[90] E Tácito, historiador romano, fez exatamente o mesmo, acrescentando que, quando Jesus foi transferido da custódia de Pilatos para a de Herodes, na noite anterior à crucificação, esse monarca esperava que Jesus realizasse milagres, porque até mesmo ele ouvira falar a seu respeito.[91]

Mesmo depois de mais de dois mil anos, os milagres ainda não foram desmascarados como fraudes. É por isso que hoje, se você perguntar às pessoas na rua de que forma Jesus era conhecido, na grande maioria das vezes ouvirá duas coisas: pelos ensinamentos e pelos milagres dele.

Jesus existiu de verdade? Ele responderia a essa pergunta assim: “Mesmo que você não creia em mim, observe os milagres, observe o que fiz, observe como eu era conhecido e saiba que *somente Deus* pode fazer essas coisas”.

Prova número 3: Jesus, o padrão de comportamento humano

Se você se aproximar de seu próximo e disser: “Apenas quero que saiba que, nas últimas semanas, seu comportamento me faz lembrar de Jesus”, mesmo as pessoas que não creem em Deus reconhecem nisso um elogio. Ninguém se ofenderia, porque o caráter de Jesus destaca-se no fluxo da história humana como o mais elevado padrão de comportamento humano. Dizer a alguém que essa pessoa age como Jesus é o maior dos elogios, e tem sido assim por dois mil anos.

Mas como podemos saber se as caracterizações que temos de Jesus são

confiáveis? Temos as histórias que seus amigos mais próximos contaram.

Quando você passa a conhecer bem as pessoas, começa a perceber suas falhas de caráter. Um homem e uma mulher se casam e, em pouco tempo, eles veem um ao outro como realmente são, com falhas e tudo o mais. Até temos uma expressão para isso: "Acabou-se o que era doce". Jesus nunca se casou, mas passou três anos completos com seus discípulos, especialmente Pedro e João, o mais próximo deles. Certamente eles conheciam o verdadeiro Jesus. Então, o que Pedro disse sobre o caráter de Jesus? Ele escreveu: "Ele não cometeu pecado...".[92] E João escreveu: "... não há pecado nele".[93] Eles não disseram: "Sim, Jesus foi um grande homem, um mestre muito bom". Em vez disso, depois de terminar a "fase inicial de encantamento", disseram: "Quando nos lembramos de Jesus, reconhecemos sua perfeição absoluta. Ele não cometeu um único pecado sequer".

O próprio Jesus concordava. Ele disse publicamente: "... faço sempre o que lhe agrada [a Deus]".[94] Depois, em João 8.44-46, Jesus desafiou seus críticos: "Quem dentre vós me acusa de pecado?". Você teria coragem de fazer essa pergunta a qualquer pessoa, especialmente a um inimigo? Se eu entrasse em uma sala com minha esposa, meus pais, meu irmão, meus filhos, meus sogros e cunhados e meus amigos mais chegados e dissesse: "Escutem aqui todos. Eu desafio qualquer um aqui a citar um único pecado meu", eles ririam de mim. Então todos iam imediatamente me deixar falando sozinho. Quando Jesus fez essa pergunta a seus críticos, porém, eles não tinham nada para dizer. Não tinham mesmo o que dizer. Por fim, usaram um predicado para se referirem a ele. Eles perguntaram: "Não andaram dizendo que você é samaritano?", o que na época era um grande insulto. Como se fossem alunos do segundo ano do ensino fundamental dizendo: "Seu boboca".

Aproxime-se de qualquer pessoa na rua e diga: "Descreva uma situação em que é errado agir como Jesus. Qualquer situação. Apenas me cite uma em que agir como Jesus seria errado". Quer essas pessoas creiam em Jesus, quer não, é provável que digam algo como: "Bem, isso é uma pegadinha, certo? Porque ser semelhante a Jesus significa fazer o que é certo".

Jesus afirmou ser Deus, e, quanto mais de perto você examina seu caráter, mais convencido fica de que ele não era apenas um bom homem; seu caráter é apresentado como padrão de perfeição em todo o mundo. Mesmo depois de dois mil anos.

Prova número 4: O túmulo vazio

Jesus fez também algumas previsões. Reuniu seus discípulos e, basicamente, disse: "Estamos subindo para Jerusalém, e se cumprirá com o Filho do homem tudo o que foi escrito pelos profetas; pois ele será entregue aos gentios, que haverão de ridicularizá-lo, insultá-lo e cuspir-lhe; e, depois de espancá-lo, eles o matarão; mas ele ressuscitará ao terceiro dia".[95]

Seus discípulos provavelmente estavam pensando: "Estivemos ao lado de Jesus todo esse tempo e não podemos imaginar nenhum crime de que ele pudesse ser condenado". Deve ser por isso que eles não o levaram a sério (além do fato de que não tinham a menor ideia do que significava "ressuscitar dos mortos").[96] Então foram para Jerusalém, e, com certeza, aconteceu exatamente como Jesus dissera. Ele foi preso, condenado e morto.

As autoridades judaicas também conheciam a profecia a respeito da ressurreição. Por isso, puseram guardas para proteger o túmulo e assim se certificarem de que não haveria nenhuma falcatrua.[97] Mas, apesar de seus melhores esforços, no terceiro dia, o túmulo estava vazio, o corpo não estava mais lá e corria solta a notícia de que Jesus estava vivo.

Muitas pessoas chacoalham a cabeça neste momento e dizem: "Eu simplesmente não caio nessa. Não acredito que Jesus tenha ressuscitado corporalmente dos mortos". No entanto, justamente para manter a integridade intelectual, essas mesmas pessoas precisam oferecer uma explicação plausível para o que de fato aconteceu naquele fim de semana especial. Se o Filho de Deus *não* ressuscitou dentre os mortos depois de pagar os pecados da humanidade, o que explica as centenas de milhares de igrejas cristãs em todo o mundo? Como isso poderia ter acontecido se a ressurreição de Jesus não passasse de uma farsa?

Prova número 5: Outras explicações para o túmulo vazio

Quem nega a ressurreição física de Jesus propõe três possíveis teorias para explicar o túmulo vazio. Como veremos, nenhuma delas se sustenta.

O corpo foi roubado. A primeira teoria é a de que os inimigos roubaram o corpo de Jesus. Foi o que Maria Madalena pensou quando foi ao sepulcro e o encontrou vazio. Ela voltou correndo para Pedro e João e disse: "Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram".[98] Ela pensou que inimigos tinham levado o corpo para profaná-lo e, ao escondê-lo, impedirem que os seguidores de Jesus transformassem sua sepultura em santuário.

Entretanto, na qualidade de explicação do que aconteceu ao corpo de Jesus,

essa teoria não tem absolutamente nenhum sentido. Uma vez que o boato de que Jesus estava vivo começou a se espalhar, seus inimigos teriam tido o maior prazer em apresentar seu corpo. Eles teriam dito: "Ah, este aqui é o Senhor que vocês disseram que tinha ressuscitado?". E teriam mostrado seu cadáver do lado de fora das portas da cidade para que todos pudessem ver. O cristianismo teria sido abortado ali mesmo.

A teoria do desmaio. Essa ideia existe há quase duzentos anos, mas se tornou popular num romance muito lido de 1965, intitulado *The Passover plot* [A trama da Páscoa]. A ideia é que Jesus quis forjar sua ressurreição e para isso usou de uma droga que lhe permitisse simular a morte. Ele sabia que seria executado, por isso pediu que alguém lhe desse o medicamento na hora certa para *parecer* morto antes de *estar* de fato morto.

Vamos examinar o que essa teoria propõe.

Sabemos que Jesus foi açoitado, o que significava que foi espancado por profissionais, de modo que teve os ossos das costas expostos. Em seguida, eles lhe perfuraram com pregos as mãos e os pés. Mais tarde, um dos algozes enfiou uma lança em sua caixa torácica para se certificar de que estava morto. Contudo, de acordo com a teoria do "desmaio", Jesus tomou uma droga e depois enganou todos, simulando um desmaio pelo qual se fez passar por morto. Então, eles o arrancaram da cruz, envolveram-no com aproximadamente 50 quilos de especiarias e o colocaram em um túmulo úmido, escuro e frio, onde permaneceu por três dias sem comer nem beber. No terceiro dia, ele acordou do torpor, livrou-se das faixas em que fora envolvido, rolou uma pedra de duas toneladas, apareceu a seus discípulos, convenceu-os de que tinha ressurgido com poder e glória e, em seguida, saiu para outro lugar a fim de morrer. A teoria do desmaio nunca ganhou aceitação, porque é preciso, no mínimo, a mesma dose de fé para crer nela do que é necessária para crer na ressurreição.

A teoria da conspiração. A última teoria é a melhor. Essa surgiu no primeiro século, quando os adversários de Jesus afirmaram que os discípulos roubaram o corpo de Jesus, enterraram-no em outro lugar, em seguida criaram a história da ressurreição e espalharam eles mesmos o boato. À primeira vista, parece uma boa teoria. Mas tudo o que você tem de fazer é cavar um pouco mais fundo, e ela desmorona por completo. Vou explicar com uma história da minha árvore genealógica.

Meu tio-avô Clifton foi o último homem a ser enforcado no estado

americano da Virgínia. Sério mesmo. Ele não era um bom homem. Matou algumas pessoas, e por isso decidiram enforcá-lo. Ele pediu seu violão, cantou uma canção, depois se virou para seus executores e disse: "Escutem aqui, vocês vão me enforcar, e eu vou morrer, mas, quando me levarem para fora da cidade nesse caixão de pinho, antes de me enterrarem no chão, abram-no, porque eu vou voltar". Ele prometeu que iria ressuscitar!

Então, eles o enforcaram e o colocaram no caixão de pinho. Quando o estavam levando para o sepultamento, um espectador que o ouvira dizer que voltaria sugeriu: "Seja o que Deus quiser! Vamos abrir para ver". Assim, abriram o caixão e olharam dentro dele. O que você acha que encontraram? O tio Clifton, mortinho da silva. O sujeito olhou para ele e disse: "Clifton!". Nenhuma resposta. Então, pegaram o caixão de novo e o sepultaram.

Mas suponhamos que aqueles sujeitos cortassem o caixão de pinho e retirassem dali o falecido tio Clifton, o sepultassem em outro lugar e depois dissessem às pessoas: "Clifton ressuscitou! Ele está vivo — ele voltou! Nós o vimos!". Por quanto tempo continuariam a espalhar essa falsa alegação, caso isso lhes custasse o emprego? Ou seus filhos? Ou se fossem presos e brutalmente espancados e ameaçados de morte excruciante? Quantos deles continuariam a propagar o boato sobre Clifton? Nenhum.

Como já mencionei, é fato histórico que quase todos os primeiros apóstolos enfrentaram a morte por se recusarem a negar seu testemunho sobre a ressurreição corpórea de Jesus. Em essência, afirmaram, unânimes: "Nós o vimos com os próprios olhos, o tocamos com as mãos, e Jesus está vivo. Podem nos matar, se quiserem, mas não vamos voltar atrás no que afirmamos".

Jesus existiu de verdade? Uma única testemunha ocular disposta a morrer por seu depoimento é testemunho convincente. Mais ainda se dezenas de pessoas também estiverem dispostas ao mesmo gesto. As Escrituras registram que pelo menos mais quinhentas pessoas testemunharam do Cristo ressurreto,[99] e um número significativo delas morreu por se recusar a negá-lo. Jesus existiu de verdade? Ao que tudo indica, pensavam que sim. E estavam presentes para contar a história.

Prova número 6: O testemunho de vidas transformadas

Jesus afirmou que podia transformar a vida das pessoas. Podia suprir o que faltava em cada uma delas. Nicodemos, homem muito religioso, foi até ele uma noite e disse: "Fui religioso toda a minha vida, mas algo está faltando". Jesus

disse: “Você precisa nascer de novo” e então explicou a Nicodemos que a conexão com nascer de novo — aquilo que lhe faltava — era o próprio Jesus. No fundo, ele disse a Nicodemos o seguinte: “Creia em mim, e tudo vai fazer sentido para você, porque você será salvo e terá a vida eterna”.[100]

Em Samaria, uma mulher veio até ele no poço do vilarejo.[101] Ela havia procurado o amor em todos os lugares errados e tinha sentido sede a vida toda. Jesus disse: “Eu sou aquilo que falta para você. Se me pedir, eu me tornarei água viva dentro de você. Vou encher os mais profundos recessos de sua alma, e você vai mudar, transformada de uma mulher infeliz em uma mulher cheia de alegria e propósito”.

Depois de dois mil anos, milhões de pessoas disseram: “Foi exatamente o que aconteceu comigo — Jesus prometeu me transformar e preencher aquele vazio em meu coração, conectando-me com o Deus santo, e foi o que fez. Aconteceu como ele prometeu”.

Harry Ironside foi um pastor nos idos de 1900 que muitas vezes pregava para públicos ao ar livre. Em linhas gerais, a história dele segue mais ou menos assim. Um dia, estava pregando na rua quando um homem na multidão, também um orador bem conhecido, desafiou-o a discursar sobre o agnosticismo em contraposição ao cristianismo. O dr. Ironside disse: “Tudo bem, mas sob uma condição: traga uma única prostituta e um único alcoólatra que tenham sido transformados pelo poder de sua filosofia, e eu vou trazer cinquenta ex-prostitutas e cinquenta ex-alcoólatras que foram transformados pelo poder de Jesus Cristo. Depois então vamos debater”.[102] O debate nunca aconteceu.

Na história do mundo, nenhuma pessoa sequer chega perto de se comparar a Jesus Cristo no número de pessoas que deram o seguinte testemunho a respeito dele: “Ele é a razão por que fui transformado”.

Na verdade, estou convencido de que Jesus existiu de verdade, não apenas por causa das provas, mas porque Jesus *me* transformou. Ele fez na minha vida exatamente o que disse que seria capaz de fazer — ele me perdoou os pecados e me conectou com um Deus santo. Ele me deu sentido de viver, alegria e vida real. E essa é a maior de todas as provas. Embora seja toda a prova de que eu precise, não é toda a prova de que eu disponho.

* * *

Creio que no princípio Deus criou os céus e a terra a partir do nada. E creio que Deus criou toda a vida. Creio que a Bíblia é precisa. E creio que Jesus é o Filho de Deus que tira o pecado do mundo. Acredito que a grande maioria das

evidências científicas e históricas apoia essas reivindicações. Ao contrário do que o sr. Kristof escreveu no *The New York Times*, não creio que precisamos tirar o cérebro e colocá-lo em uma prateleira para crer nessas coisas. Em vez disso, nosso coração e nosso cérebro *juntos* nos ajudam a ver que Deus realmente existe, que a Bíblia é realmente verdadeira e que Jesus realmente é o que ele afirmou ser.

UM EPÍLOGO PARA NÃO CRISTÃOS: SUPERANDO OS OBSTÁCULOS À FÉ

Por que as pessoas não creem em Cristo? Acho que podemos sintetizar em duas razões básicas: dor e poder.

DOR E PODER

Dor. Muitos de nós já experimentaram a dor profunda. A dor que não nos deixa, desafiando o dito popular segundo o qual "o tempo cura todas as feridas". Pode ser a nossa própria dor ou a dor de alguém a quem amamos. Pode ser simplesmente a dor de um mundo injusto. Alguém se atreve a mencionar Deus, e você pergunta: "Você está brincando comigo? Se é assim que Deus trata as pessoas, não quero nada com ele". Contra algumas evidências poderosas, cerramos os punhos e dizemos: "Eu me recuso a acreditar!". Digo "nós" porque já passei por isso — por alguns anos depois que meu irmão mais novo, John, morreu naquela motocicleta. No capítulo 4, tratamos da questão do sofrimento e da dor.

Poder. Mas depois vem o poder. Talvez seja esse o seu obstáculo. Esse assunto nos leva de volta ao capítulo 1, no qual tratamos das quatro questões da existência. O que dissemos lá foi que as respostas às duas primeiras questões ("De onde vim?" e "Para onde vou?") ligam-se diretamente à resposta à quarta questão ("Como devo viver?"). Assusta ou ofende algumas pessoas perceber que a maneira de elas viverem deve ser controlada pela maneira que respondem a essas duas primeiras perguntas. Talvez você se sinta assim. Talvez esteja dizendo: "Sabe de uma coisa? Eu gosto de decidir como vou viver. Gosto do poder de ser dono do próprio nariz. Portanto, vou responder às duas primeiras questões de uma maneira que exclua Deus. Dessa forma, posso me recusar a crer em qualquer coisa mais poderosa do que eu mesmo e, então, viver como quero".

Se *há* um Deus, se a Bíblia *é* verdadeira e se Jesus *é* real, tratar a vida dessa forma é muito arriscado. Por favor, reconsidere sua postura.

"FAZER" *VS.* "FEITO"

Suponhamos que você esteja pronto para eliminar os obstáculos da dor e do poder. Digamos que você queira se mover na direção de uma vida de fé em Deus, mas não sabe qual é a religião certa para você. Eu gostaria de compartilhar mais uma grande diferença entre o cristianismo e as outras religiões.

Fazer. Toda religião que não seja o cristianismo pode ser resumida em uma única palavra. É o pequeno verbo "fazer", em todas as suas conjugações. Se você *fizer* isso, Deus vai aceitá-lo. Se orar cinco vezes ao dia, ou se der dinheiro suficiente, ou se for à igreja assiduamente, se *fizer isso* e não *aquilo*, Deus provavelmente o aceitará. Costumo fazer a seguinte pergunta às pessoas: "Se você morresse hoje e se apresentasse diante de Deus e ele lhe perguntasse por que deveria deixar que você entrasse em seu céu, o que você lhe diria?". Se você começasse a resposta, dizendo: "Bem, tentei dar o meu melhor e deixei de fazer um monte de coisas ruins, de modo que minhas boas ações devem compensar minhas más ações", você está na categoria das coisas que "fazemos". Essa não é a categoria de Jesus.

Feito. O cristianismo também pode ser resumido em uma única palavra. É a palavra "feito" ou as formas passadas do verbo "fazer". Essencialmente Jesus diz: "Eu *fiz* algo por você — morri na cruz por seus pecados. *Por seus pecados*".

Quando ele ainda estava na cruz, pouco antes de morrer, bradou: "Está consumado". O que estava consumado? Sua obra de redenção — o pagamento do preço pelos nossos pecados. Ele tinha terminado de pagar pelo pecado, e o pecado foi plenamente pago — tudo foi consumado, tudo está feito! É por isso que ele oferece perdão que não tem de ser conquistado ou merecido. É um presente que se faz possível por aquilo que *ele fez*.

Se você já sentiu que algo está faltando lá em seu interior ou sabe que nunca esteve muito ligado a Deus, então é isso que lhe falta — você não está captando o que Jesus fez. A Bíblia dá instruções passo a passo sobre como receber esse presente de Jesus. Não é por nada que você faça, mas *pela graça dele*. Eis como você recebe essa graça:

- Reconheça-se pecador e admita que precisa de Jesus como Salvador.
- Reconheça Jesus como o Filho de Deus que veio se entregar em seu lugar

para pagar o preço por seu pecado. Peça a ele que lhe perdoe com base na obra consumada por ele na cruz.

- Peça que o amor de Jesus transforme você e o modo de se aproximar de Deus a partir de agora.
- Entregue sua vida a Jesus. Reconheça-o como o Senhor de sua vida.

Enquanto reflete sobre essas afirmações, simplesmente converse com Deus com sinceridade de coração e humildade. Você não precisa de mantras nem de palavras bonitas.

Mas e se ainda não se sentir pronto? Peça então a Deus que o aproxime dele; peça que o torne pronto. Na Bíblia, Deus promete: "Vós me buscareis e me encontrareis, quando me buscardes de todo o coração".[103] Quando isso acontece, quando realmente busca a Deus de todo o coração, algo muda qualitativamente dentro de você. Pode então começar a acontecer o processo de transformação: você se tornar a pessoa que foi criado para ser.[104]

É o que acontece. É Deus quem promete, e foi o que aconteceu comigo. É por isso, em última análise, que eu creio que Jesus é real.

UM EPÍLOGO PARA CRISTÃOS: UMA PALAVRA FINAL PARA O APOLOGISTA

Se você já é cristão, provavelmente leu este livro com um amigo em mente. Isso é ótimo. Minha esperança é que as informações contidas neste livro o ajudem a compartilhar sua fé de forma eficaz com seu amigo. Permita-me deixar a você três pensamentos finais.

NUNCA SE AFASTE DO EVANGELHO

A palavra mais importante para os apologistas é *o evangelho*. Não se esqueça de que está compartilhando uma boa-nova, uma boa notícia. A boa notícia nos informa que, mesmo que você seja mais profundamente falho do que jamais quis admitir a qualquer pessoa — nem a si próprio —, ao mesmo tempo você é mais profundamente amado do que jamais ousou sonhar. Essa boa notícia é possibilitada pela pessoa de Jesus Cristo, que viveu a vida que deveríamos ter vivido e morreu a morte pelo pecado que deveríamos ter morrido, para que pudéssemos nos tornar aceitáveis a um Deus santo e ser adotados em sua família para sempre.[105]

É fácil entrar em discussões com amigos e, no esforço para estar certo sobre algum ponto em particular, perder de vista o evangelho. Ninguém jamais ganhou alguém para Cristo com esse tipo de discussão. Você não se tornou cristão porque era inteligente ou estava certo, ou porque a pessoa que explicou o evangelho para você era inteligente ou estava certa. Você foi salvo e é salvo porque precisava de um Salvador, e ele veio até você — só porque ele quis. É isso que significa graça. Não perca de vista a graça ao compartilhar sua fé.

ORE

Em segundo lugar, não se esqueça de orar. Você não é a parte mais importante da equação: o Espírito de Deus é que é. Ore por seu amigo. Ore pedindo um espírito de sabedoria. Ore pedindo que o grande amor de Deus brilhe com todo o

fulgor. Ore.

GLORIFIQUE A DEUS

Por fim, lembre-se de que tudo isso é para a glória de Deus. Deus é absolutamente magnífico, e seu Filho, Jesus, é espetacular. Em caso de dúvida, fale sobre o Pai e o Filho. Diga a seus amigos o que Deus fez por você. Conte a eles por que o ama tanto. A glória de Deus é absolutamente estonteante. Todo ser humano que tiver apenas um vislumbre de sua glória cairá de joelhos em adoração. Não se esqueça disso.

Que Deus use você para refletir sua glória enquanto compartilha a verdade das boas-novas de Jesus Cristo.

SÉRIE CRUCIFORME

Cruciforme significa algo que tem a forma da cruz. O objetivo da série Cruciforme é publicar livros que inspirem os cristãos a viver como discípulos de Cristo no século XXI, através de uma vida que tenha a forma da cruz, do evangelho de Cristo.

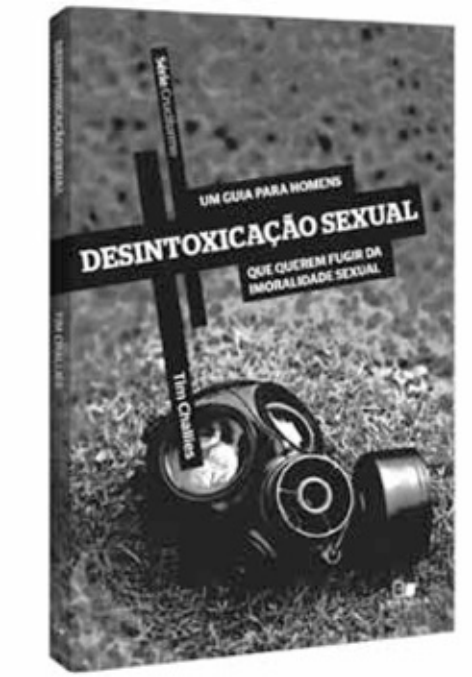
Para incentivar essa reflexão e transformação, os livros discutem temas atuais e de grande relevância para os cristãos, apresentando uma visão bíblica sobre os seguintes assuntos: vida cristã, discipulado da família, sexualidade, questões espirituais por trás da falta de organização, perseverança, pobreza, aborto, consolo para a morte, mortificação do pecado, entre outros.

Porém, a proposta da série Cruciforme é fazer com que essa reflexão chegue ao leitor de maneira bem simples e acessível.

Para tanto, a série apresenta os seguintes diferenciais:

1. Consistência: livros de conteúdo útil, inspirador, centrado no evangelho e bíblico.
2. Simplicidade: livros pequenos, fáceis e rápidos de ler, escritos em linguagem simples.
3. Acessibilidade: livros vendidos sempre a preço acessível.
4. Confiabilidade: os assuntos tratados sempre são abordados da perspectiva bíblica.

Enfim, a proposta dessa série é publicar livros que aproximem o coração dos leitores da inesgotável glória do evangelho de Cristo e de sua rica aplicação a todas as áreas de nossa vida.



DESINTOXICAÇÃO SEXUAL
Um guia para homens que querem fugir da imoralidade sexual
Tim Challies

Você não aguenta mais tanta pornografia? É hora de se desintoxicar. Este livro apresenta um retorno à saúde, um retorno à normalidade.



COMO ORGANIZAR SUA VIDA E SEU CORAÇÃO
Um guia para mulheres que querem vencer o caos
Staci Eastin

Sua vida está um caos e você não sabe como fazer para se organizar? Não se desespere.

Este livro mostrará a você do que realmente precisa: de um caminho inteiramente novo e melhor para se organizar. Um caminho baseado na graça de Deus.



PAIS DISCIPULADORES
Um guia para o discipulado em família
Tad Thompson

Se você deseja ver seus filhos seguindo a Jesus, mas não sabe como liderar espiritualmente sua família, leia este livro.

Ele foi escrito justamente para pais que desejam de todo o coração discipular seus filhos, mas não sabem como fazê-lo. Ao ler este livro, você entenderá quantas vezes ficou aquém do plano de Deus para o discipulado da família.

[1] Nicholas D. Kristof, Believe it, or not, *The New York Times*, 15 de agosto de 2003.

[2] Mt 7.24-27.

[3] Lc 16.19-31.

[4]Sou grato a Ravi Zacharias por incluir essa ideia em uma de suas mensagens.

[5]Ec 3.11.

[6]Jacqueline L. Salmon, Most Americans believe in higher power, poll finds, *The Washington Post*, 24 de junho de 2008.

[7]Patrick Glynn, *God:* the evidence, Roseville: Prima Publishing, 1999, p. 82-3.

[8]C. S. Lewis, *Mere Christianity*, San Francisco: HarperCollins, 1972. [Publicado no Brasil com o título *Cristianismo puro e simples* (3. ed. rev. e ampl., trad. Álvaro Oppermann e Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009).]

[9]Glynn, op cit., p. 61.

[10]Harold G. Koenig, Michael E. McCullough & David B. Larson, *Handbook of religion and health*, New York: Oxford U. Press, 2001.

[11]Rm 1.20, nvi.

[12]Stephen J. Gould, *The panda's thumb*, Nova York: Norton, 1980.

[13]Hugh Ross, *A beginner's-and-expert's guide to the Big Bang*, Facts for Faith, 2001, p. 14-32.

[14]Arno Penzias e Robert Wilson, "Temperature at 4080 Mc/s", ap. Hugh Ross, *The fingerprint of God*, Orange: Promise Publishing, 1991, p. 85

[15]Ross, *The fingerprint of God* , p. 185.

[16]R. Douglas Geivett e Gary R. Habermas, orgs., *In defense of miracles*, Downer's Grove: InterVarsity Press, 1997, p. 157.

[17]Cl 1.*7b*.

[18]Hb 1.3*b*.

[19]*Evolution:* a theory in crisis, 3. ed., Chevy Chase: Adler and Adler, 1986, p. 328.

[20]*Intelligent design:* the bridge between science & theology, Downers Grove: InterVarsity Press, 2002, p. 10, 107.

[21]*The philosophical scientists*, Nova York: Barnes & Noble Books, 1993, p. 83.

[22]Lane P. Lester & Raymond G. Bohlin, *The natural limits to biological change*, 2. ed. , Plano: Probe Books, 1999, p. 84-5.

[23]V., e.g., wiki.answers.com/Q/How_many_atoms_are_there_in_the_universe and http://en.wikipedia.org/wiki/Shannon_number.

[24]*On the origin of species*, Cambridge: Harvard University Press, 1964, p. 280.

[25]Gould, op. cit., p. 181.

[26]Lee Strobel, *The case for Christ*, Grand Rapids: Zondervan, 1998, p. 63. [Edição em português: *Em defesa de Cristo*, São Paulo: Vida, 2006.]

[27]Frederic Kenyon, *The Bible and archeology*, Nova York: Harper and Row, 1940, p. 288-9.

[28]Michael Martin, *The case against Christianity*, Philadelphia: Temple University Press, 1991, p. 49.

[29]Lc 1.1-3.

[30]2Pe 1.16.

[31]1Jo 1.1-3a.

[32]At 2.22.

[33]At 26.26.

[34]Norman L. Geisler, *Baker Encyclopedia of Christian apologetics*, Grand Rapids: Baker, 2000, p. 47. [Edição em português: *Enciclopédia de apologética:* respostas aos críticos da fé cristã, trad. Lailah de Noronha, São Paulo: Vida, 2002.]

[35]Norman L. Geisler e Thomas Howe, *When critics ask*, Wheaton: Victor, 1992, p. 385.

[36]Mt 4.4.
[37]Dt 8.3.
[38]Mc 7.13.
[39]Aqui a questão não é que o cristianismo seja a única religião importante que tenha profecias detalhadas (algumas das quais se acham no Antigo Testamento e outras no Novo). Em certo sentido, o que quero dizer é ainda mais enfático: quando outras religiões (como o judaísmo) têm profecias detalhadas, essas profecias são extraídas dos livros do Antigo Testamento!
[40]Henry M. Morris, *Many infallible proofs*, Green Forest: Master Books, 1974, p. 188.
[41]Is 7.14; cf. Mt 1.18-25.
[42]Gn 12.2 e 22.18; cf. Mt 1.2 e Gl 3.16.
[43]Gn 21.12; cf. Mt 1.2 e Lc 3.34.
[44]Gn 49.10; cf. Lc 3.33 e Hb 7.14.
[45]2Sm 7.12; cf. Mt 1.1.
[46]Mq 5.2; cf. Mt 2.1 e Lc 2.4-7.
[47]Is 35.5,6; cf. Mt 9.35.
[48]Ml 3.1; cf. Mt 21.12.
[49]Sl 118.22 e Is 53.3; cf. Jo 1.10,11; 7.5; 7.48 e 1Pe 2.7.
[50]Is 53.7; cf. Mt 27.12-14.
[51]Sl 22.16; cf. Lc 23.33.
[52]Sl 22.18; cf. Jo 19.23,24.
[53]Is 53.12; cf. Mt 27.38.
[54]Is 53.12; cf. Lc 23.34.
[55]Zc 12.10; cf. Jo 19.34.
[56]Is 53.9; cf. Mt 27.57-60.
[57]Peter Stoner, *Science speaks*, Chicago: Moody Press, 1969, p. 109.
[58]Rm 10.9.
[59]Sl 62.11,12*a*.
[60]Jó 1.8.
[61]Jó 2.9.
[62]Jó 42.7,8.
[63]Is 55.8,9.
[64]Jo 11.35.
[65]Hb 12.2*a*.
[66]Jo 14.6.
[67]V. Mt 10.5-39.
[68]Hb 1.1-3*a*.
[69]1Pe 3.15,16.
[70]1Tm 1.15.
[71]Rm 3.23.
[72]1Pe 3.18*a*.
[73]Ef 2.8,9.
[74]Mt 5.48.
[75]Mother Teresa, Whatever you did unto one of the least, you did unto me, National Prayer Breakfast, Washington, DC, February 3, 1994 (grifo nosso).
[76]Disponível em: http://www.finestquotes.com/author_quotes-author-H.G.%20Wells-page-0.htm.
[77]Kenneth Latourette, The Christian understanding of history, *The American Historical Review*, v. 54.2, p. 259-76, jan. 1949.
[78]Cl 3.23.
[79]Eric Metaxas, *Amazing grace:* William Wilberforce and the heroic campaign to end slavery, Harper

One, 2007.

[80]Jo 14.6.

[81]Ibid.

[82]Jo 10.30; 14.9.

[83]Jo 5.17,18; 10.30-33.

[84]Cf. Jo 14.7.

[85]Lc 5.24.

[86]Lewis, *Mere Christianity.* [Edição em português: *Cristianismo puro e simples*, 3. ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, s.d.]

[87]Ibid.

[88]Stoner, op cit.

[89]Jo 10.37,38.

[90]Josh McDowell, *Evidence that demands a verdict,* San Bernardino: Campus Crusade for Christ, 1972, p. 85. [Edição em português: *Evidência que exige um veredicto*. São Paulo: Hagnos, s.d.]

[91]Ibid., p. 84.

[92]1Pe 2.22.

[93]1Jo 3.5.

[94]V. Jo 8.29.

[95]Lc 9.22; 18.31-33.

[96]Lc 18.3.

[97]Mt 27.62-66.

[98]Jo 20.1,2.

[99]1Co 15.5-8.

[100]V. Jo 3.1-21.

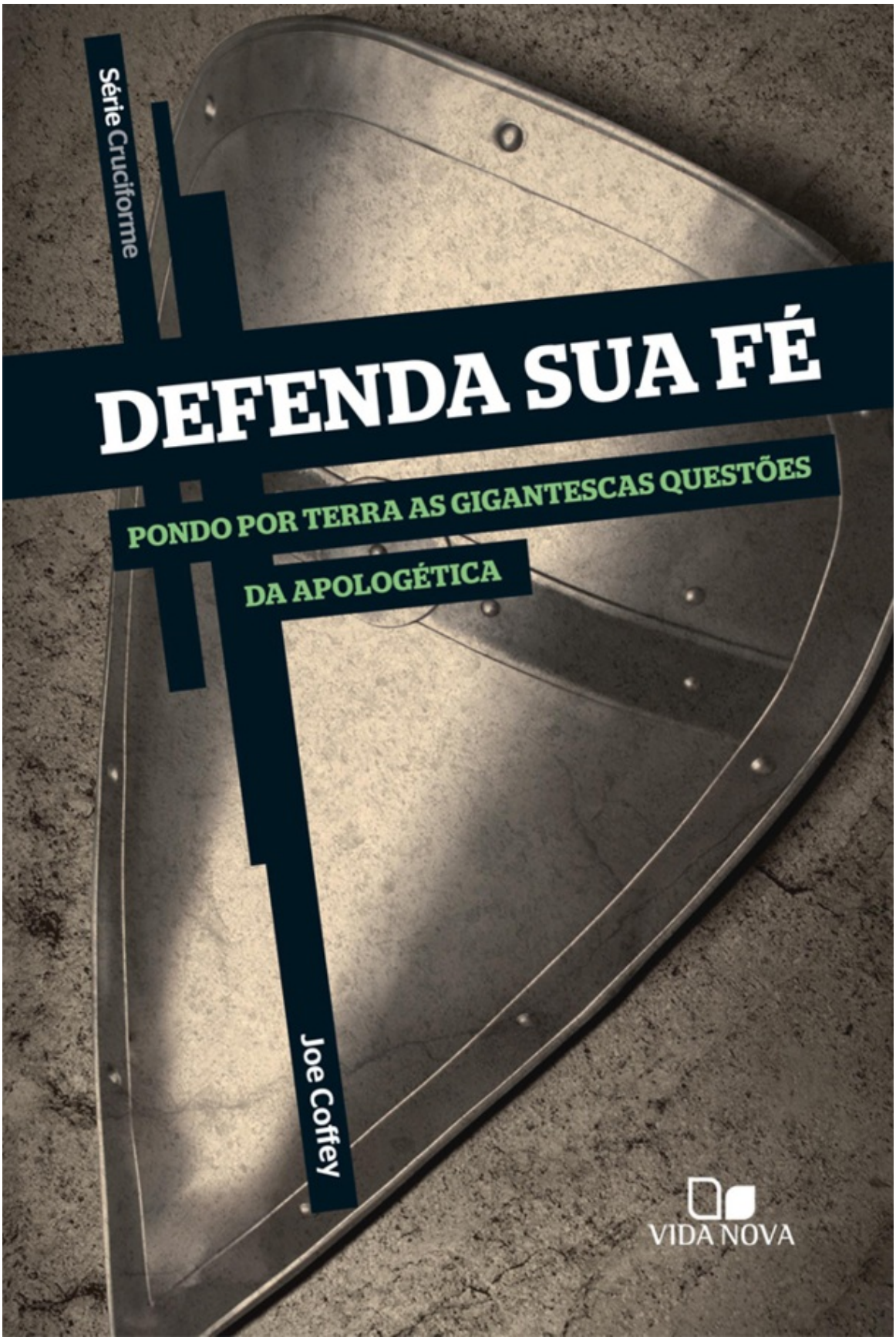
[101]V. Jo 4.1-44.

[102]E. Schuyler English, *Ordained of the Lord:* a biography of Harry Ironside, Loizeaux Brothers, 1976.

[103]Jr 29.13.

[104]2Co 3.18; 5.17.

[105]Tenho uma dívida de gratidão a Tim Keller por oferecer essas palavras cuidadosamente escolhidas para transmitir o evangelho de forma sucinta.


Série Cruciforme
DEFENDA SUA FÉ
PONDO POR TERRA AS GIGANTESCAS QUESTÕES DA APOLOGÉTICA
Joe Coffey
VIDA NOVA